

A Evangelização em Santa Catarina

PRIMEIRA PARTE:

Vida e Morte no Mundo dos Carijós (1500-1650)

Pe José Artulino Besen
Professor de História da Igreja

Há anos estou dedicando-me a pesquisas sobre a História da Igreja em Santa Catarina. Trabalho árduo e gratificante. Diversos capítulos já foram publicados nesta Revista, para que pudesse receber opiniões, incentivo, críticas. Agora, às vésperas dos 500 anos de Evangelização no Brasil, agradeço a oportunidade de publicar a primeira parte desta História, que abrange o período não institucional da Igreja catariense, isto é, a época em que não há nenhuma organização hierárquica, apenas Missão junto aos índios. Também no âmbito civil, não há vilas nem cidades nem freguesias. Somente o índio carijó, que vai ter sua vida destrocada pela Conquista.

O período inclui as missões franciscanas - primeira tentativa organizada de Missão no Brasil! - e jesuítas: a PROVÍNCIA DE JESUS e a MISSÃO DOS CARIJÓS. Abrange os anos de 1500 a 1650.

Agradeço qualquer opinião para que possa melhorar este escrito.

INTRODUÇÃO: UM MUNDO DESCOBERTO E INVADIDO.

A ocupação da América pelos espanhóis, portugueses, franceses, ingleses, holandeses, a partir do final do século XV, alterou profundamente a noção mundial de espaço geográfico e fez com que se defrontassem, face a face, povos desconhecidos e diferentes.

Para o povo americano autóctone significou a invasão de seu espaço, com todas as consequências cruéis que isso acarretava a povos cujo espaço era mítico, sagrado. Invadir ou mudar o espaço era, para o indígena, destruir profundamente seu mundo mítico, religioso, as relações de trocas simbólicas matrimoniais e materiais entre os clãs contrários¹.

No século XVII, quando os jesuítas passaram a comentar que índios, antes tão bons, tinham-se corrompido, estavam apenas diante das conse-

quências funestas que o deslocamento artificial e violento das tribos e nações produzira: se o espaço foi alterado, alterou-se também a estrutura pessoal e comunitária indígena.

O colonizador enfrentou uma dupla necessidade, contraditória: precisava de terra para as plantações e então teve que deslocar os índios que a ocupavam; precisava de mão-de-obra e então teve que trazer índios para as plantações.

Assim o indígena foi duplamente penalizado: foi afastado de seu habitat e depois reintroduzido num habitat diverso, padecendo uma dupla alienação: de sua pessoa, tornando-se escravo, e de sua terra, perdendo suas raízes.

Santa Catarina não foi cenário agrícola significativo, ao menos até o século XIX. Mas seu habitante, o carijó, considerado o mais pacífico indígena do litoral, foi o preferido para a mão-de-obra nas fundações paulistas e vicentistas.

No contexto colonizador, o litoral do Sertão dos Patos entrou com a mão-de-obra, transformando-se em cenário para a luta entre o índio e o apressador vicentista, e entre este e o missionário que, apesar de ser integrante do processo conquistador, estava do lado do carijó.

As fundações litorâneas do século XVII (São Francisco, Desterro e Laguna), são fruto deste duplo processo: o esvaziamento da terra com a escravização do indígena e, depois, a ocupação da terra com a vinda de descendentes de índios para mão-de-obra.

1 - O SERTÃO DOS PATOS E SEU POVO

Os primeiros habitantes a penetrarem em território de Santa Catarina foram grupos de caçadores e coletores, que teriam atingido a região através do vale do rio Uruguai, há 4.500 anos atrás². Posteriormente o litoral, em face dos amplos recursos alimentares de que dispunha, serviu como polo de atração, abrigando populações diversificadas, e por um longo período de tempo.

O povoamento do litoral teve início cerca de 2.500 a.C., estendendo-se praticamente até a chegada dos europeus. Os grupos humanos, pescadores e coletores, pré-ceramistas, foram substituídos por grupos ceramistas, talvez agricultores, por volta de 1.000 dC.

*"Os carijós eram
tidos como 'o
melhor gentio
da costa' "*

Tudo indica que os europeus vieram interromper o fluxo dos povoadores indígenas, de tradição tupi-guarani, que estavam a demandar as terras do litoral.

Segundo relatos de missionários e viajantes, era bastante expressivo o número de indígenas nas terras catarinenses no momento da Conquista.

No *litoral* - os indígenas da grande nação tupi-guarani, da língua "geral", aqui denominados "carijós", nome originado do tupi-guarani "Carai-Yoic", branco, mestiço. Inicialmente designando os filhos dos fugazes acasalamentos entre índios e brancos, depois estendeu-se aos habitantes de todo o Sertão dos Patos.

No *interior* - o grupo "jê", denominado botocudo, bugre, kaingang, xókren, eweikorna, hoje "xókleng". Os xókleng e kaingang tiveram seu território palmilhado, mas praticamente não interessaram aos bandeirantes pois eram semi-nômades, viviam dispersos em pequenos grupos; falavam uma língua diferente e não tinham maiores tradições de trabalho agrícola.

Os carijós viviam ao sul da Capitania de São Vicente, de Cananéia ao Rio Grande, e eram tidos como "o melhor gentio da costa". Vestiam apenas uma espécie de avental (tanga), feito de fibra vegetal, de pele ou de pluma, que descia dos quadris até as pernas. As mulheres andavam de cabeça descoberta e usavam no cabelo fibras tintas de várias cores.

Acreditavam num Ser supremo mas, como o restante dos guaranis, não tinham formas públicas de culto religioso. A vida religiosa desenvolvia-se em torno dos pagés (xamãs): restringia-se às necessidades imediatas de cura para as doenças, à vingança contra os inimigos e à busca da sorte no cotidiano. Uma religião prática.

Suas casas eram choças cobertas com folhas, paredes de pau-a-pique. Agrupavam-se em aldeias de 30, 40, 50, 80 casas, cada uma com seu chefe. Alimentavam-se com produtos da caça e pesca e faziam pequenas plantações de verdura e raízes, ocupação das mulheres. Eram exímios arqueiros, possuíam instrumentos de sopro e percussão. Trançavam cestos, redes e esteiras.

Caracterizavam-se pela hospitalidade. Em troca de pentes, facas, machados, espelhos, missangas e outros objetos de pequeno valor, os viajantes que aqui aportavam podiam fazer um carregamento de 100 quintais de carne, peixes, frutas, peles, penas e raízes de tinturaria³.

Corrompidos e seduzidos pelos escravagistas, seus chefes passaram a querer sempre mais, chegando a negociar os próprios irmãos, vendendo-os como escravos em troca de cada vez mais objetos. Se maltratados, hostilizavam os brancos, retraíam-se para o interior das matas, atacavam a flechadas e incendiavam tudo, tornando aos inimigos impossível a permanência.

O ferro exerceu enorme fascínio sobre todas as populações indígenas do Brasil. Sua introdução desmonta o mundo indígena e cria uma dependência sem fim. Muitas vezes as migrações indígenas se explicam pela busca de instrumentos de ferro, já que a maioria dos grupos vivia na idade da pedra e utilizava machado de pedra. Pero Vaz de CAMINHA em sua Carta já tinha anotado a atração indígena pelo ferro:

"...Muitos deles vinham ali estar junto aos carpinteiros. E acredito que assim o faziam mais para verem a ferramenta com que os carpinteiros trabalhavam do que para verem a cruz, porque eles não têm coisas de ferro e

cortam suas madeiras e paus com pedras feitas de cunhas metidas em um pau, entre duas talas, muito bem atadas..."

O missionário São Roque GONZALES, no dia em que foi morto (15 de novembro de 1628), escreve um bilhete ao superior da Missão, dizendo que os caciques tinham descido dos montes e a única coisa que lamentava era não ter mais cunhas e machados porque, se tivesse um pouco mais, seria capaz de trazer mais uns 500 índios. Isto se entende facilmente, pois, na derrubada de uma árvore, o trabalho que fazia uma pessoa com o machado de ferro era equivalente ao de uns 15 índios com machado de pedra. Pela busca do ferro, grupos indígenas atacam outros que o utilizam, para apropriar-se dos objetos deste material⁴.

Os carijós não ficaram imunes a esta sedução-necessidade, corrompendo-se para obter estes instrumentos que facilitariam em muito seu trabalho.

Tinham a pele mais clara que o restante dos índios brasileiros. Sobre seus hábitos alimentares, em 1628 o Pe.

Francisco CARNEIRO SJ teceu este comentário: "... os carijós, em extremo comilões, por natureza e por uso tão habituados nesse exercício, que como animais do campo gastam o dia inteiro e parte da noite em comer, sem interpolação ou distinção de tempos que monte!

"O carijó foi a maior vítima da sanha escravagista bandeirante"

Por suas qualidades naturais, o carijó foi a maior vítima da sanha escravagista bandeirante, que nele viu o melhor braço para o serviço em suas fazendas.

2 - PLANTA-SE A CRUZ.

No mapa de Juan de LA COSA, de 1550, aparece Santa Catarina. Vai ser um território estrategicamente muito importante - especialmente a ilha de Santa Catarina - para os navegadores que demandavam o Rio da Prata.

São Francisco do Sul, cujo porto foi ponto de referência obrigatório tanto das rotas marítimas quanto da ação missionária, foi a primeira terra catarinense fecundada pelo madeiro da Cruz. A 6 de janeiro de 1504 aportou a primeira expedição colonial, com a chegada do bretão Binot Paulmier de GONNEVILLE, a bordo do "Espoir", ali permanecendo até 3 de julho. Numa pequena eminência à beira-mar, ele e seus companheiros levantaram uma cruz de madeira: realizou-se, ao toque de tambor e trombeta, a primeira celebração religiosa em terra catarinense.

Retornando à França, Gonville levou consigo o velho Namao e o jovem Içá-mirim (Essomeric, afrancesado), filho do chefe dos carijós, AROSCA, sob o pretexto de "ensinar-lhe o uso da artilharia e fazer tudo quanto viam e ensinavam os cristãos", prometendo trazê-lo de volta dentro de 20 luas, o que não foi cumprido. Em troca casou-o em 1521, aos 32 anos de idade, com sua filha Suzanne. Legou-lhe parte de seus bens e deu-lhe o título

de "Barão": um nobre carijó incluído na nobreza européia!

Escreve W. PIAZZA que um neto de Içá-Mirim, Jean Paulmier de GONNEVILLE, abraçou a carreira eclesiástica e chegou a ser Cônego da Catedral de Saint Pierre de Lisieux. Distinguiu-se pela sua cultura e pelas viagens que realizou por diversos países da Europa, em missão diplomática. Em 1663 apresentou ao papa ALEXANDRE VII a "Declaração de Viagem", acompanhada de um memorial, justificando um pedido para fundar uma missão cristã na terra austral. O Cônego de Gonville queria ainda provar que a terra visitada em 1504 por seu antepassado tinha sido a Austrália!⁵

Içá-mirim e Namoa, "emigrantes" brasileiros para terras européias, fizeram o caminho inverso dos conquistadores que depois destruíram sua cultura e gente.

3 - NÁUFRAGOS, DESERTORES, SACERDOTES

Os primeiros cristãos que se estabeleceram provavelmente em terras catarinenses, na Ilha de Santa Catarina, foram os naufragos da expedição de João Dias de SOLIS, em 1515: o português Henrique Montes, o espanhol Melchior Ramirez e o negro Francisco Pacheco. Tomaram índias como suas mulheres e deram início ao novo povo catarinense, gerado na violência original da Conquista. Depois se estabeleceram desertores, sacerdotes e naufragos, os novos povoadores.

Em 1514, aportou em Meimbipe (Ilha de Santa Catarina) a expedição comercial lusitana de Nuno MANOEL e Cristóvão de HARO: trocaram o nome de Meimbipe pelo de "Ilha dos Patos"; posteriormente, toda a área circunvizinha foi conhecida como o "Sertão dos Patos".

É do Pe. Inácio de SIQUEIRA SJ, em junho de 1635, a primeira descrição literária da Ilha de Santa Catarina: *"Ilha de Santa Catarina, onde a gloriosa Virgem reside só no nome, mais deserta que em Sinai, porém mui piedosa para as embarcações que ali recebe e agasalha, como se fora seio esta sua enseada, que ali tem"*.

E prossegue depois:

"Jaz a Ilha no meio do braço de mar, que a divide da terra firme, tão estreita, unindo-se a terra tanto uma à outra que parece que ambas estão arrependidas de se dividirem algum tempo, e agora desejam sumamente de se abraçarem outra vez e darem as mãos, mas impede-lho a grande corrente que ali levam as águas, furtando-lhe as areias e os mais materiais, que ambas acarretam, para se unirem; com tudo ainda estão tão vizinhas, que quase, quando passam, vão as embarcações batendo com as antenas pela penedia e arvoredos, que de uma e outra parte se derrama sobre as águas".

4 - OS FRADES E A PROVÍNCIA DE JESUS

Conforme já afirmamos, São Francisco do Sul foi o berço de Santa Catarina e a primeira presença cristã e franciscana em território catarinense⁶.

Em 1537, uma expedição capitaneada por Alonso CABRERA partiu da Espanha rumo ao Rio da Prata, em socorro à expedição de Pedro de MENDOZA, o fundador de Buenos Aires. Estava acompanhada de 5 franciscanos, tendo como superior Frei Bernardo de ARMENTA, natu-

ral de Córdova na Espanha. Dos outros frades se conhece o nome de Alonso LEBRÓN, natural das Ilhas Canárias. Em princípios de 1538, após infrutíferas tentativas de entrar no Rio da Prata, a nau Marañoa foi arrastada pela tempestade e se refugiou no porto de São Francisco.

Desembarcado com seus companheiros, Frei Bernardo de Armenta não perdeu tempo e iniciou o trabalho de evangelização. Foi auxiliado por três espanhóis da expedição de CABOTO que tinham ficado na terra catarinense e que conheciam a língua indígena.

A 1º de maio de 1538 Frei Bernardo escreveu a Juan Bernal Diaz de LUCO, do Conselho das Índias espanholas:

"Isto aconteceu pela Divina Providência, pois aqui achamos três cristãos, intérpretes da gente bárbara, que falam bem esta língua pelo longo tempo de sua estada. Estes nos referiram que 4 anos antes um índio, "Esiguara" (grafado também Etiguara, Origuara, Oti-guara), agitado como um profeta por um grande espírito, andava por mais de 200 léguas predizendo que em breve haveriam de vir os verdadeiros cristãos, irmãos dos discípulos do apóstolo São Tomé, e haveriam de batizar a todos. Por isto, mandou que os recebessem com amizade e que a ninguém fosse lícito ofendê-los".

Estas palavras deixaram os índios muito impressionados. Esiguara desempenhara o papel de precursor. Em São Francisco, os frades encontraram este campo favorável devido a ele. Esiguara foi um tipo de pregador ambulante servindo-se de linguagem apocalíptica, que tão fundo calava na receptiva alma carijó. O campo estava fertilizado pela sua palavra. Também lhes ensinara a entoar hinos e cânticos, através dos quais aprenderam a guardar os mandamentos e a ter uma só mulher de remota consanguinidade.

Quando chegaram os espanhóis, naufragos da expedição de Alonso Cabrera, os Carijós julgaram que fossem os irmãos dos discípulos de São Tomé. Receberam-nos com muito amor, levando-os para as suas aldeias, dando-lhes comida e bebida e varrendo os caminhos por onde andavam.

Alguns discípulos de Esiguara

receberam os frades com incrível alegria e chegavam a ser chatos, no dizer de Frei Bernardo, com tantos agradecimentos que faziam.

Continua o frade:

"Tão grande é o número de batizados que quase nada podemos fazer afóra deste ministério. Nem para dormir ou comer há quase tempo. De boa vontade casam com uma só mulher e os que estavam acostumados a ter mais de uma, separam-se das outras. Os velhos, dos quais alguns têm mais de 100 anos, recebem com mais fervor a fé, e o que de nós aprendem, comunicam-no publicamente aos outros".

Frei Bernardo de ARMENTA viu que sozinho não daria conta do ministério. Entusiasmado, pediu que fossem enviados pelo menos 12 confrades de vida apostólica

*"A primeira
descrição literária
da Ilha de Santa
Catarina"*

das Províncias de Andaluzia e dos Anjos, conforme escreveu ao Dr. Juan Bernal Diaz de LUCO:

"São tão grandes as maravilhas que Nosso Senhor realiza entre eles que não saberia contar, nem haveria papel suficiente para descrevê-las. Portanto, em nome daquele amor que Jesus Cristo teve pelo gênero humano em querer-nos redimir na preciosa árvore da Cruz, pois toda a sua obra foi para salvar e redimir as almas, e aqui temos tão grande tesouro delas, peço que V. Mercê assumo esta empresa como sua e fale a S. Majestade e a esses senhores do Conselho, para que favoreçam tão santa obra, e o favor será que nos enviem 12 frades de nossa Ordem de São Francisco, que sejam escolhidos, e que S. M. os peça na Província de Andaluzia e na dos Anjos. E encarregue S. M. aos provinciais destas Províncias que enviem frades como Apóstolos. E, além disso, que S. M. envie um feitor seu que traga trabalhadores que não tenham ofício de conquistadores".

Este último pedido é indicativo do projeto evangelizador de Bernardo de ARMENTA e Alonso LEBRÓN: pedem lavradores que não sejam conquistadores, e missionários que não acompanhem a Conquista. Conforme anotaremos depois, os dois frades tinham muito claro que o anúncio do Evangelho não podia se resumir a um apêndice da obra conquistadora, incapaz de se livrar da violência e da morte.

Estavam convencidos, igualmente, de que o trabalho apostólico ultrapassava a fronteira nitidamente religiosa e se deveria fazer muito para a promoção do indígena:

"Venham também muitos camponeses com perito chefe agricultor, que mais proveitosos são do que os soldados, porque estes indígenas devem ser convencidos pelo amor, não pelo ferro".

Dá importância às ferramentas, às espécimes de gado, ovelhas, sementes de cana-de-açúcar, algodão, trigo, cevada e todas as qualidades de frutas, sem esquecer de contratar também mestres de açúcar, para montar engenhos. Incluiu também os artistas.

Os lavradores que chegassem a São Francisco ou à Ilha de Santa Catarina deveriam estabelecer estreita colaboração com os indígenas, que poderiam ajudá-los a plantar canaviais e lavrar as roças.

A este projeto missionário deu o nome de "PROVÍNCIA DE JESUS".

Podemos afirmar que, de um lado, Frei Bernardo de ARMENTA possuía entusiástico espírito apostólico e

se achegou ao índio sem preconceito, alimentado pelo amor e não pelo interesse; por outro lado, não escapou do projeto colonizador, ao pedir que chegassem agricultores andaluzos para trabalhar as terras, das quais fatalmente os carijós passariam a ser servos, deixando de ser donos.

Tal entusiasmo fez com que o chefe da expedição temesse perder os frades. Por isso, proibiu-os de saírem da embarcação, o que não amedrontou a Armenta e Lebrón, que ameaçaram Cabrera de excomunhão por violar a liberdade eclesiástica, o Direito Canônico e os privilégios franciscanos, pois não tinha autoridade sobre eles, que não foram enviados pelo Rei e nem socorridos pela sua Fazenda.

Quanto a eles, permaneceram no território catarinense, enquanto seus companheiros foram para o Rio da Prata. Então desceram ao sul, fundando uma missão entre os índios carijós na região chamada Mbiaça (Laguna). Percorreram o litoral catarinense num raio de 80 léguas.

4.1 - A CRISTANDADE ARCÁDICA DE MBIANÇA E ASSUNÇÃO.

Encontravam-se nesse trabalho quando, em 29 de março de 1541, chegou à Ilha de Santa Catarina uma nova expedição de socorro ao Paraguai, chefiada por Alvar Nuñez Cabeza de VACA, nomeado governador de Assunção. Pelos índios foi informado da existência dos frades a umas 14 léguas da Ilha, em Mbiaça. Chamou-os para se inteirar da situação dos espanhóis no Rio da Prata e do melhor modo de socorrê-los. Os frades o aconselharam a de modo algum ir com os navios pelo estuário do Prata, pois Buenos Aires estava abandonada e sua população se tinha transferido para Assunção. Então decidiu-se prosseguir por terra.

Foi uma viagem memorável, do litoral catarinense até Assunção, durante 130 dias, e que deu a Cabeza de Vaca a fama de grande descobridor. Tal fama, porém, deve ser mitigada, pois o caminho já era conhecido dos carijós que dele se serviam em suas migrações dos Patos até Assunção. O mérito deve ser dividido com os índios e os frades, que de má vontade o acompanharam.

Teria sido este o itinerário em terras brasileiras: a travessia teve início na desembocadura do rio Itapocu, cujas águas subiram em canoas por três dias. Abandonadas estas, gastaram três dias subindo a Serra do Mar, quatro para descer. Dois dias depois chegaram à região do Campo, cujo cacique se chamava Tocanguaçu. Súditos de Tocanguaçu eram os caciques Anhiriri, em cuja taba chegaram em 21 de novembro de 1541 e Cipoyay, que encontraram no dia seguinte. Sairam das terras de Tocanguaçu no dia 29, e a 1º de dezembro cruzaram o Iguaçu, para alcançar o rio Tibagi dois dias depois. Os índios lhes trouxeram mantimentos de uma distância de duas léguas. Recebeu-os o cacique Tapapiraçu, e encontraram o índio Miguel, que viera de Assunção para "guiar as pessoas e mostrar o caminho por onde deviam seguir".

Foi conflitivo o relacionamento entre os frades e Cabeza de Vaca, pois eram opostas suas visões do trabalho evangelizador. Armenta e Lebrón tencionavam fundar em Santa Catarina e em Assunção uma Cristandade nômade, sem vinculação com templos de pedra, povoados, homens de bem ou o reconhecimento da soberania espanhola. Queriam uma retroculturação e indigenização do Cristianismo, sem vinculação com o Padroado real, sem aparências externas, com formulações indígenas mesmo para os espanhóis ali residentes. A isso Cabeza de Vaca chamava de insubmissão geral, aventureirismo sem sujeição a ninguém.

*"Estamos aqui
diante do
'joaquimismo',
teologia de
Joaquim de FIORE"*

Estamos aqui diante do "joaquimismo", teologia de Joaquim de FIORE, do séc. XII, que previa uma Igreja espiritual, governada pelo "Evangelho do Espírito", isto é, sem instituições visíveis, com uma

hierarquia espiritualizada, em oposição à poderosa Igreja da baixa Idade Média, extremamente visível e preocupada com suas estruturas. Eram joaquimitas os 12 Frades que aportaram no México em 13 de maio de 1524, comandados por Frei Martín de VALÊNCIA OFM. Tencionavam plantar em Veracruz uma cristandade livre do poder imperial, pobre e sem estruturas⁷.

Bernardo de ARMENTA, na carta a Juan Bernal Diaz de LUCO pedia "12 frades", simbolizando os 12 Apóstolos, o desejo de fundar uma Igreja nova, espiritual, monástica, no mesmo espírito dos 12 frades no México.

Por outro lado, os frades sabiam que sem o suporte material garantido pela presença de um Governador, seu trabalho não subsistiria por muito tempo. Então, sua atitude ambígua: queriam a presença de uma autoridade e ao mesmo tempo não permitiam que de forma alguma esta condicionasse, limitasse ou orientasse seu trabalho.

Os frades acreditavam numa evangelização desvinculada de formas urbanas, e por isso se estabeleceram a 30 léguas de Assunção com os índios agregados durante o caminho. Queriam repetir a experiência catarinense em Mbiaça: uma cristianização isenta de excrecências civilizadas.

Mas o Governador lhes impôs um trabalho uniforme em torno de Assunção, igual ao realizado pelos demais eclesiásticos. Para Cabeza de VACA, cristianizar era povoar ou conservar uma vida cristã ao nível da civilização européia, era erguer igrejas, celebrar o culto com a devida decência, obrigar a vestir os desnudos e dar de comer com regularidade. A colonização necessitava de homens, clérigos, cavalos, e só! O mais era extravagância, ou algo pior: libertinagem e corrupção.

ARMENTA e LEBRÓN, que não perdoaram ao Governador o fato de terem sido obrigados a abandonar a missão catarinense, não suportavam viver perto de Assunção, cuja vida religiosa não se caracterizava pela observância dos Mandamentos - especialmente o Sexto. Os espanhóis assediavam sexualmente as índias já convertidas, e diversas delas e seus pais não viam isso com maus olhos...

Os frades proibiram qualquer contato entre as índias e os espanhóis, ameaçando com excomunhão os recalcitrantes, o que depois lhes valeu um processo.

Não aceitavam ser diminuídos em sua tarefa de missionários, de ministros de Deus enviados para levar seu nome e salvação aos infieis, para serem reduzidos a meros instrumentos da conquista material, por mais paternal que fôsse. Fugiram de Assunção, mas foram descobertos e detidos no caminho.

Com a queda de Cabeza de VACA, em 1545, retornaram a Mbiaça (Laguna) pelo caminho do sertão. Era ali o local de concretização da Província de Jesus. Trouxeram consigo umas 40 ou 50 índias, recolhidas de sua "casa de doutrina". Na sede da nova missão estas continuaram vida comunitária. Mais tarde o Pe. Manuel da Nóbrega falará de "casa de recolhimento para mulheres, como freiras, e de homens, como frades".

Eram indígenas sendo preparados para depois continuarem a missão entre seus naturais.

Essa casa de recolhimento ofereceu material para as calúnias de Pero HERNANDEZ, panegirista de Cabeza de VACA: em 28 de janeiro de 1545, escreveu que os dois franciscanos eram homens de mau viver, porque "tienen mas de treinta mancebas". Maliciosamente, identificou como concubinas as "monjas" recolhidas na "casa de doutrina"!

O projeto missionário de Bernardo de ARMENTA

fracassou devido à avareza e à crueldade do sistema colonial. Já no Paraguai, Frei Bernardo teve experiência de como o trabalho de evangelização estava condicionado à mentalidade da Conquista. Tinha sido indicativo um fato ocorrido em 1541, durante a viagem do litoral catarinense até Assun-

*"O projeto
missionário de
Bernardo de
ARMENTA
fracassou devido à
avareza e à
crueldade
do sistema
colonial"*

ção, quando Cabeza de VACA ficou indisposto com o Frade, pois este marchava sempre rodeado por uma centena de índios, que abriam o caminho da simpatia diante dos outros indígenas que encontravam e assim lhes ofereciam abastecimento preferencial. Os soldados não gostaram da história. Irritado com o fato, Cabeza de VACA depois escreveu que "era melhor dar pão aos cristãos do que aos cachorros", entendendo-se que com esta palavra denominava os índios acompanhantes. A expressão custará caro a Cabeza de VACA, pois desde 1512, pelas leis de Burgos, era crime chamar os índios de "cachorros", subentendendo-se com a expressão negar-se que o índio tivesse alma, fosse pessoa humana. Mas parece que a ofensa se dirigia aos frades!

Frei Bernardo colocou na boca de Cabeza de VACA esta declaração sintomática: "Onde não há ouro nem prata, não há necessidade de batismo".

Em outras palavras, do ponto de vista do conquistador, a evangelização era apenas um meio de poder concretizar com mais facilidade, servindo-se da atuação do missionário, a conquista da riqueza.

A segunda estadia dos frades em Mbiaça-Laguna (1544-1547 ou 1548) continuou merecendo a mesma simpatia dos carijós, e com muitos frutos. Frei Bernardo de ARMENTA morreu entre eles, na Laguna de Mbiaça, entre fins de 1547 e inícios de 1548.

Em 1548 Frei Alonso de LEBRÓN se encontrava na costa catarinense com seis espanhóis e 50-60 índios, quando chegaram de São Vicente dois buques portugueses, cujos mestres convidaram-nos a visitar as naus. Uma vez a bordo, foram aprisionados. Então os portugueses desceram à terra em busca dos que haviam ficado e dos índios cristãos, levando-os a todos. Brás CUBAS, capitão de São Vicente, os libertou. Lebrón confiou os índios a alguns vizinhos e seguiu para a Europa para apresentar queixa. Como após dois anos ainda não tinha chegado, supõe-se que tenha sido aprisionado pelos corsários (8).

Permaneceu na Laguna o cristão Afonso VELLIDO, que tinha vindo com Cabeza de VACA. Ele e um

outro cristão, enviado por Juan de SALAZAR em 1548, foram de muito auxílio aos espanhóis quando arribavam com suas embarcações e, ao mesmo tempo, despertavam o ódio dos portugueses, pois deixavam os índios de sobreaviso sobre suas intenções escravagis-

"A missão da Província de Jesus ressoou na história missionária posterior"

tas, apesar de lhes oferecerem roupas e resgates.

A missão da Província de Jesus ressoou na história missionária posterior e preparou o campo para a Missão dos Carijós, então com os padres jesuítas. Apesar da reta intenção dos frades, a missão jesuítica de 1605, chefiada pelos Pes. Custódio PIRES e Agostinho de MATOS lhes teceu críticas, ao chegar à Laguna dos Patos. Ali encontraram, entre os moradores,

"alguns cristãos a quem uns frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos, fizeram cristãos, deixando-os sem doutrina em seus vícios e desaventuras, e todos estavam amancebados e cheios de filhos com diversas mulheres" ⁸.

Primeiramente, causa admiração após tantos anos ainda restarem índios cristãos. Em segundo lugar, a pedagogia catequética franciscana era diferente da dos filhos de Santo Inácio: os franciscanos batizavam após uma instrução mínima e depois procuravam incutir os princípios da vida cristã; já os jesuítas preferiam um longo catecumenato e somente após garantias de vida cristã, administravam o Batismo.

Quanto à localização da sede da missão dos frades em Mbiaça, Alice Bertoli ARNS, que estudou a saga franciscana catarinense, após confrontar várias fontes e interpretações, sugere como local mais provável a localidade de Vila Nova, pois favoreceria os contatos com a Laguna, com a Ilha de Santa Catarina e com o sertão, através do rio Tubarão. Por esta probabilidade, Vila Nova seria a mais antiga igreja de Santa Catarina.

"Pai Sumé é o enviado de Deus que prepara seu caminho"

4.2 - O MITO DO PAI SUMÉ.

Em sua carta a Juan Bernal Diaz de LUCO, a 1º de maio de 1538, Bernardo de ARMENTA fala que Esiguara anunciava a seu povo que após ele *"viriam os verdadeiros discípulos de São Tomé"*.

Isto quer dizer que já estava vivo no meio carijó o mito do Apóstolo Tomé que teria estado na América e anunciado a Evangelização posterior.

Estamos diante de um mito cujo desenvolvimento supõe o encontro de três tradições: a dos primeiros cristãos americanos, a dos primeiros frades e a dos jesuítas.

Os primeiros cristãos que chegaram à América devem ter utilizado o mito para convencer os índios a aceitarem o Evangelho. No Paraguai, Perú, Bolívia já se tinha implantado o mito.

Com a chegada de Frei Bernardo de ARMENTA e Alonso LEBRÓN, os índios devem ter fundido neles a imagem mítica de São Tomé nas Américas. Os frades entendiam sua missão não como um trabalho estável, mas como preparação para a chegada de outros evangelizadores, o que de fato ocorreu em 1539, com a chegada de seis franciscanos ao Rio da Prata. Isto confirmou as palavras que se colocavam na boca de São Tomé:

"Chegarão outros sacerdotes em suas terras, e que alguns virão apenas rapidamente, para logo retornar, mas que os outros sacerdotes, que chegarão com cruces nas mãos, esses serão seus verdadeiros padres, e ficarão sempre com eles, os farão descer até o rio Paranapané, aonde farão duas grandes reduções, uma na boca do Pirapó e outra no Itamaracá".

São exatamente os dois locais onde, naquele tempo, os jesuítas organizaram as reduções de Loreto e Santo Inácio.

Neste momento já estamos diante da terceira tradição: a dos Jesuítas, que identificaram o mito do Pai Sumé (São Tomé) com os frades, com ele buscando legitimidade histórica e religiosa para seu trabalho.

Pai Sumé é o enviado de Deus que prepara seu caminho, que prega a Boa-Nova, que anuncia o estabelecimento definitivo do Cristianismo. Neste sentido, Lebrón e Armenta, andarilhos por Mbiaça, Itapocu, Campo, Ubay e Pequiri, formam um mito metade realidade, metade idealidade.

Efetivamente os índios identificaram ARMENTA com Pai Sumé. Apenas três citações:

1) Pedro DURANTES:

Depois, nesta casa e nas outras que encontrei pelo caminho em seis jornadas que andei pelo Campo, me receberam bem pelo que lhes dava, e porque os índios que andavam comigo diziam que eu era filho do Comissário a quem eles chamavam de Pai Sumé".

2) Acusação do Fiscal, Licenciado VILLALOBOS, contra Cabeza de VACA, em

Madri, a 20 de janeiro de 1546:

"Durante o caminho que Alvar Nuñez fez por terra, abandonou treze cristãos, dos quais dois morreram e os demais escaparam dizendo que eram filhos de Pai Sumé, que é o Comissário Frei Bernardo de Armenta, frade da Ordem de São Francisco".

3) Lafuente MACHAIN, na sua obra *"Os Conquistadores do Rio da Prata"*, afirma que, ao morrer, AR-

MENTA era muito estimado pelos índios, "que o chamavam de Pai Sumé".

Tudo isso reforça o significado que Bernardo de ARMENTA e Alonso LEBRÓN tiveram na evangelização da América latina, por seu trabalho iniciado entre os carijós em terra catarinense e nas vizinhanças de Assunção. Com suas personalidades tornadas mito, muito contribuíram para o trabalho que os jesuítas implantaram entre os guaranis, na Reduções. Foram precursores.

5 - OS BANDEIRANTES: MORTE DAS MISSÕES

5.1 - PRENÚNCIO DE MORTE

Em 1551 esteve na Ilha de Santa Catarina o fundador de Assunção, Juan de SALAZAR. A 1º de janeiro de 1552 descreve, em Mbiaça, o estado lastimável em que se encontrava a Ilha:

"Achei esta Ilha despovoada num raio de pouco mais de 10 léguas. Como há muito tempo não chegam vassallos de Sua Majestade, os portugueses vieram negociar com os índios, dizendo que são castelhanos e de paz e assim encheram os navios e os levaram como escravos para vender em São Vicente e em outros lugares da costa, para os engenhos de açúcar, causando grande prejuízo à terra, e a nós que viemos e aos que virão, e a Deus grande desserviço. V. S. e outros, por favor, mandem-nos restituir os principais e os demais que o possam, pois os que ficaram clamam e pedem por eles, o que será motivo de grande graça a Nosso Senhor e a Sua Majestade. Respondi-lhes que o Imperador nosso senhor resolverá tudo, e nos fizeram e fazem muitas boas obras na esperança em que se encontram e, verdadeiramente, não sei o que teria sido de nós em nossas grandes necessidades, não fosse seu socorro.

Também encontramos aqui, entre esses índios, um cristão que eu tinha enviado de Lisboa no ano de 48, para que viesse a essa costa a fim de prevenir os índios sobre como chegaria a armada e para que arrumassem abastecimento; ajudaram-nos muito com seu língua, pois não trazíamos nenhum e também encontramos outro cristão, Alonso Vellido, vizinho de Porcuna, pessoa honrada que veio com Cabeza de Vaca e, com sua licença, veio com Frei Bernardo de Armenta; quando o padre morreu o deixou recomendado aos índios: estes dois cristãos evitam que os portugueses façam apresamentos ainda maiores. Deste modo, os portugueses têm procurado matar a estes dois cristãos, a fim de poderem enganar aos índios".

5.2 - OS BANDEIRANTES

O Sertão dos Patos, ou Terra dos Carijós, pela sua elevada população indígena, foi polo de atração bandeirante. A caça ao índio vai se tornar mais violenta e sistemática no séc. XVII.

Dentre as bandeiras que se dirigiram em direção ao sul, destacaram-se a de Manoel PRETO, que inclusive recebeu a provisão de Governador da Ilha de Santa Catarina; a de Antônio Raposo TAVARES, que atacou as reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul.

O atual Oeste catarinense seria um caminho usual dos bandeirantes paulistas. Foi a bandeira paulista de Jerônimo Pedroso de BARROS, em 1641, a última grande expedição que devassou a área do extremo-oeste catarinense⁹. Organizada para vingar a derrota da bandeira de 1639 em Caasapaguaçu nas reduções jesuíticas. Foi a maior bandeira formada no sertão e compunha-se de uns 40 brancos e 2.500/3.000 tupis, sendo derrotada em 11 de março pelos 4.000 guaranis armados pelos jesuítas.

A epopéia dos Bandeirantes, que efetivamente teve como fruto final a ampliação e demarcação das fronteiras portuguesas no Brasil, humana e cristãmente é uma das mais negras páginas da História da América do Sul¹⁰. Segundo afirmação duríssima de SOUTHEY, "para justificar estes homens, nada; e para atenuar-lhes o nefário proceder, bem pouco se pode dizer".

O bandeirantismo foi um conluio de governadores, mamelucos, portugueses, criminosos, etc. Eram, os bandeirantes, aventureiros à testa de pequenos exércitos, às vezes de mais de 2 mil homens, 2/3 deles sendo índios aliados, à cata de escravos ou de minas de ouro. Sustentavam-se da caça, pesca, frutos e mel silvestre. Antes de partirem recebiam os Sacramentos e, se achavam sacerdotes, os levavam em sua companhia. Os sacerdotes tinham o privilégio do "altar portátil". Também imploravam a proteção de uma imagem da Virgem, muito venerada pelos habitantes de São Paulo, de que em geral eram devotos. O que, porém, mais indigna é que a seus latrocínios, correrias e assassinatos, davam o nome de "excursões apostólicas"; pois diziam que tiravam os bárbaros das trevas do paganismo e lhes ensinavam o Evangelho.

Nas regiões onde souberam que os missionários iam para converter índios, apareceram às vezes os chefes de bandeira vestidos de batina, e abrindo até tonsura para atraírem índios com este sacrilégio. Então começaram por plantar uma cruz; faziam pequenos presentes aos índios que encontravam, davam remédios aos doentes, e como falassem bem a língua guarani, os exortavam a abraçar o Cristianismo, do qual explicavam-lhes um pouco os artigos principais. Quando por estes artificios tinham reunido grande número de "catecúmenos", os convidavam para estabelecerem-se em um sítio cômodo, onde nada lhes faltaria.

Boa parte deixava-se conduzir por esses lobos até que os traidores, largando a máscara, os aprisionavam, e matavam os que tentassem escapar, e levavam os outros.

Entretanto, de tempo em tempo, alguns índios escapavam e espalhavam por toda a parte o temor. Antes de conhecerem os verdadeiros autores, a maior parte dos índios não duvidava de que eram verdadeiros jesuítas, de sorte que os padres correram muitas vezes grande risco nas suas excursões missionárias, e passava bastante tempo até que os índios novamente confiassem neles.

Os bandeirantes tinham, a seu serviço, "pombeiros", que corromperam indígenas, transformando alguns chefes deles em caixeiros e banqueiros para o tráfico dos próprios irmãos. Os pombeiros dividiam entre si as regiões, e cada um armava uma barraca com mesa de câmbio para comprar índios; o dinheiro eram enxadas, machadinhas, cunhas de ferro, vestidos e panos velhos, chapéus e mil quinilharias... Esses pombeiros, apesar de se dizerem cristãos, eram capazes de todo gênero de

maldades. Tinham as casas cheias de mulheres jovens compradas para suas torpezas, levavam as tribos vizinhas à guerra para fazerem prisioneiros e os trazerem à venda. Sendo as ferramentas de grande valor para a lavoura, vendiam uns aos outros por uma enxada ou um machadinho, pois era esse o preço de uma alma.

Reunidos já muitos grupos de escravos, tinha início o comércio. Os pombeiros avisavam os de São Paulo e outros habitantes da costa, donde acudiam em barcos e canoas em que os levavam para fazer bom negócio; a taxa era dois ou quatro pesos, e postos em suas casas valiam 15-20; levados para o Rio de Janeiro os vendiam por 40-50 cruzados.

Carlos TESCHAUER, o historiador do Rio Grande do Sul, traça um quadro trágico da ação bandeirante. Por

ser jesuíta, causou-lhe maior dor estudar a destruição sistemática da grande obra missionária dos filhos de Santo Inácio. A ação paulista e vicentista foi mais selvagem a partir do séc. XVII quando, com extrema crueldade, destruíram

"A ação paulista e vicentista foi mais selvagem a partir do séc. XVII"

as missões carijós e as reduções jesuíticas.

Veja-se a descrição da destruição de Caaró:

"Estes (os índios) abriram uma porta, saindo por ela à maneira de rebanho de ovelhas que sai do redil ao pasto, quando, como ferozes tigres e como que endemoninhados, acudiram os mamelucos à porta, com espadas, machados, alfanges e deceparam cabeças, cortaram braços, disjuntaram pernas, atravessaram corpos... Experimentaram os aços dos seus alfanges fendendo as crianças em duas partes e despedaçando seus delicados membros!"

Tudo isso com demoníaca satisfação.

O aventureirismo, a solidão e duração das viagens, a cupidez desenfreada, as doenças contraídas nas longas e inseguras expedições, comprometeram no bandeirante a sensibilidade humana e fizeram-no agir com tamanha crueldade contra o indígena. Vendo nele um selvagem, como selvagem o trataram. Os manuais escolares e a tradição do ufanismo brasileiro impediram uma visão mais objetiva de sua atuação que foi vista quase que exclusivamente em sua obra até involuntária do aumento territorial. Mas foram ferozes assassinos de indígenas, assaltantes de riquezas e destruidores da obra evangelizadora no sul do Continente americano.

Tragicamente, foi este o preço do aumento e da fixação das fronteiras brasileiras!

5.3 - O BANDEIRANTE: DESBRAVADOR E ESCRAVIZADOR

O litoral da colônia foi intensamente explorado por Madrid e Lisboa. O Tratado de Tordesilhas, celebrado a 7 de junho de 1494 entre Dom JOÃO II de Portugal e FERNANDO e ISABEL, de Aragão e Castela, delimitava a ação de Portugal e Espanha nos descobrimentos marítimos. Reformulou a bula "Inter Coetera" de ALEXANDRE VI. No sul, a linha divisória passava por Laguna.

Pela imprecisão das linhas divisórias, espanhóis e portugueses consideravam a costa brasileira ao sul de Cananéia território "livre" ou território em "disputa". Por este motivo, os primeiros missionários em terras catarienses foram franciscanos espanhóis e depois, com a avanço das fronteiras pela ação portuguesa e bandeirante, jesuítas portugueses, que tiveram conflitos sérios com seus confrades espanhóis que, entrando pelo Paraguai, trabalhavam no Rio da Prata.

Jesuítas espanhóis e portugueses tiveram modos diferentes de realizar a ação evangelizadora. Aqueles idealizaram e organizaram as Reduções guaraníticas, modelo de organização nos moldes de um "comunismo" cristão. Os portugueses preferiam a fundação de centros de doutrina que se mostraram mais frágeis frente ao apressador bandeirante.

Os paulistas e vicentistas¹¹ não faziam incursões preadoras de índios somente através do litoral, utilizando embarcações à vela que facilitavam o acesso às aldeias. Iam também pelo interior. Seguindo rotas aprendidas com os indígenas, os mamelucos de São Paulo penetraram nos sertões do sul e encontraram, nas Missões que os jesuítas haviam fundado junto aos guaranis, as novas fontes para o abastecimento do florescente mercado de escravos.

Para fugirem dos espanhóis, os jesuítas avançaram para longe, rumo a leste. Mas logo perceberam que, fugindo de um inimigo, tinham se aproximado de um outro, que ainda não era conhecido e cuja vizinhança em breve se revelou funesta para todas as missões. Eram os habitantes de São Paulo e de Piratininga.

No vai-e-vem das expedições às reduções jesuíticas, os paulistas palmilharam os sertões do Brasil sul, travaram contatos com outros grupos tribais e motivaram os deslocamentos para novos territórios, com implicações de disputas intertribais de grupos que procuravam fugir à sua aproximação.

Nesse quadro de competição econômica e política, o litoral de Santa Catarina vai sendo distribuído à gente de São Vicente e Vila de São Paulo, surgindo, no séc. XVII, as vilas de São Francisco, Desterro e Laguna.

O Sertão dos Patos, ou Terra dos Carijós, pela sua elevada população indígena, foi polo de atração bandeirante. Os portugueses sentiram a necessidade de braços para a lavoura de cana-de-açúcar.

6 - OS JESUÍTAS E A MISSÃO DOS CARIJÓS

Em 1540 o papa PAULO III reconhecia a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de LOYOLA. Nove anos depois, em 1549, seis deles chegaram a Salvador, acompanhando a expedição de Tomé de SOUZA. Eram jovens os pioneiros: Manoel da NÓBREGA tinha 31 anos e José de ANCHIETA, quando chegou quatro anos mais tarde, apenas 19. Pioneiros, porque foi no Brasil que iniciaram seus trabalhos apostólicos nas Américas. Só em 1576 passaram para o México e em 1586 para Tucumán na Argentina.

Em 1553 iniciaram sua famosa experiência de aldeamentos, que historicamente precedeu as experiências de Mateus RICCI em Macau, China, e de Roberto de NOBILI em Goa, Índia.

Vieram a convite de Dom JOÃO III, que decidira colonizar o Brasil e os queria como responsáveis pela parte espiritual da empresa ultramarina.

A obra jesuítica tem que ser encarada em seu aspecto essencialmente missionário e não apenas civilizatório, como se prefere afirmar. Os aldeamentos e colégios só adquirem sentido na perspectiva da missão. O colégio não era conside-

rado um ambiente elitizado, mas um local onde se vivia pobremente em função do aldeamento. Apesar disso, os jesuítas não podiam fugir à lógica do sistema colonial: Portugal queria plantar cana-de-açúcar e para isso precisava de braços. O indígena seria utilizado nesta obra e o aldeamento possibilitava a "limpeza" da terra a a pacificação do indígena, que depois retornava à sua terra como servo¹².

Um dos ministérios dos padres jesuítas de São Vicente era a visita às povoações da costa. Assim passaram por Itanhaém, seguiram para Iguape, Cananéia e Paranaíba. Estavam a caminho dos carijós, no imenso Sertão dos Patos. Foi com eles, os carijós, a primeira intervenção dos jesuítas no sul do Brasil. Índios dos quais Nóbrega diz que *"estão além de São Vicente, o qual todos dizem que é o melhor gentio da costa"*.

Vale aqui a observação de L. A. BOITEUX:

*"Os míseros indígenas do litoral catarinense, chamados Carijós dos Patos, como se mostrassem os mais brandos e humanos do Brasil e, além disso, por habitarem a orla marítima mais facilmente abordável das terras sulinas, quase de todo abandonadas pelo seu donatário, foram os que, desde o início do povoamento europeu, pagaram o maior e o mais cruel tributo à fúria escravagista, principalmente dos moradores do litoral paulista"*¹³.

6.1 - O PRIMEIRO CONTATO

Um navio tinha ido ao sul, e trouxera índios para serem vendidos nas Capitâneas. NÓBREGA intercedeu junto ao governador Tomé de SOUSA e conseguiu ordem para devolvê-los a seu habitat, em liberdade. Desta missão foram encarregados, em meados de maio de 1549 (dois meses após a chegada ao Brasil!) o Pe. Leonardo NUNES e os Irmãos Alonso BRAZ e Diogo JACOME. O Pe. Nunes não realizou o intento, pois precisou deter-se em São Vicente. Mas os índios foram libertados, por serem já cristãos, e quase todos se estabeleceram no Espírito Santo, livres e casados.

De São Vicente, o Pe. Leonardo NUNES realizou missões tanto pela costa como pelos caminhos do interior, um dos quais, o Piabiru, levava ao Paraguai. A 10 de março de 1553 estava no Rio dos Patos, recolhendo umas senhoras naufragadas. Entre os carijós encontrou alguns cristãos, frutos da catequese de Frei Bernardo de ARMENTA e que tinham sido salteados. Deu-lhes a liberdade.

*"A obra jesuítica
tem que ser
encarada em seu
aspecto
essencialmente
missionário"*

Havia também carijós em São Vicente. Um destes, Martinho, tornou-se popular. Certa feita esteve em São Paulo e assistiu a um Batismo. Voltando a São Vicente passou a fazer o mesmo! Plantou uma cruz em sua aldeia. Quando chegava algum português para negociar com ele e fazia uma reverência à cruz, era bem-vindo e dava-lhe quanto queria. Se se esquecesse da reverência, ficava sem nada.

Pe. Leonardo NUNES era incansável na atividade catequética, ao mesmo tempo sabendo ser enérgico: teve a coragem de enfrentar a João RAMALHO e expulsá-lo de uma igreja de São Vicente, o que lhe valeu uma tentativa de

agressão por parte de um dos filhos dele. Sua extrema solicitude o fazia acudir a todos os pedidos de socorro, percorrendo velozmente povoações de indígenas e de portugueses, o que lhe valeu o apelido de "Abaré-bebê", o padre que voa.

Em 1554 NÓBREGA o envia à Europa, a fim de prestar contas, a Dom JOÃO III e a Inácio de LOYOLA, *"das cousas destas partes"*. Naufragando na viagem, morreu a 30 de junho. Poucos de seus companheiros se salvaram.

6.2 - DE CAÇADOR A AMIGO DOS ÍNDIOS

Pero CORRÊA foi o primeiro irmão recebido na Companhia pelo Pe. Leonardo NUNES, em São Vicente, em 1549. Português de nascimento, gastara bons anos de sua vida nas diversões, aprisionando e salteando índios, mas era tido em grande conta pela sua prudência. Era um dos principais moradores de São Vicente, e grande língua (intérprete) da terra. Em 1542 conseguiu a concessão de muitas terras, inclusive da maior das três ilhas que estão diante de Peruibe, para seu projeto de carga e descarga de naus.

Cansado e arrependido de sua vida de vícios e violências, decidiu consagrá-la a serviço dos índios, dos quais tantos aprisionara e matara. Em 1553 doou todos os seus bens à Companhia. Em 1554 participou da missão fundadora de São Paulo de Piratininga, onde foi aluno de gramática de ANCHIETA.

Neste mesmo ano, NÓBREGA enviou-o, juntamente com os Irmãos João de SOUSA e Fabiano de LUCENA, para prosseguir a missão junto aos carijós. Sua primeira missão seria estabelecer a paz entre tupis e carijós e iniciar a catequese entre os ibirajaras. Partiram a 24 de agosto para Cananéia, onde doutrinaram os índios e livraram da morte um castelhano e um índio cristão. A 6 de outubro seguiram para a terra carijó.

Estavam eles entre os índios pregando o Evangelho e a paz quando, em novembro, apareceram dois intérpretes, o espanhol acima citado e outro português. O espanhol era conhecido dos jesuítas de São Vicente, por haver sido salvo quando, com uma concubina carijó, era prisioneiro dos tupis. Apesar de ter sido salvo de morte certa pelos jesuítas, o espanhol lhes devotava ódio mortal pois o tinham separado de sua concubina, que se casara com outro em São Vicente. Para ele, chegara o momento da vingança: começou a embaraçar a missão de Pero CORRÊA e João de SOUSA, incitando os carijós à guerra contra os tupis. No Natal, os jesuítas tomaram o caminho

do sertão, para ir missionar os ibirajaras, acompanhados de 10 ou 12 principais, até os limites da gente carijó. E aí morreram flechados por alguns carijós, que o ódio do intérprete castelhano fustigara.

Assim descreve ANCHIETA o martírio de Pero CORRÊA:

"Estando, pois, este intérprete dos castelhanos e o outro portugueses em certas terras, viram descer por um rio alguns carijós, movidos como se creê por aquele intérprete, que os concitava à guerra com muitas mentiras, e que nos tinha em ódio por não lhe darmos uma sua concubina índia. Mataram logo dois índios que vinham com os nossos, e depois voltaram-se contra o nosso Irmão João de SOUSA, que andava enfermo, e começaram a atirar-lhe flechas; este, porém, caiu de joelhos louvando o Senhor, e deste modo o mataram. Vendo nosso Irmão Pero CORRÊA que assim maltratavam a João, começou a arrazoar com os índios, não sabemos sobre que assunto, mas cremos que se tratava de Nosso Senhor. A resposta que lhe davam eram flechadas, e com recebê-las não cessou de clamar por um pouco de tempo; vindo a termos de não mais poder suportar, deixou cair o bordão que trazia e ajoelhou-se, encomendando sua alma a Deus, e assim acabaram de matá-lo, despiram-no e deixaram-no no caminho" ¹⁴

O Pe. José de ANCHIETA, em carta de 15 de março de 1555, se refere a Pero CORRÊA com muito carinho:

"Era dos principais portugueses que estavam nesta terra e andava em uma nau, por toda parte, matando índios ou aprisionando-os, parecendo-lhe que fazia um grande serviço a Nosso Senhor"; "... em cinco anos que esteve em nossa Companhia, pregou sempre o Evangelho de Cristo aos mesmos índios, por ser dos melhores línguas da terra e de mais autoridade, com grandíssimos trabalhos, por muitos matos e campos e desertos, afadigando-se fielmente na pregação, até que conseguiu o feliz termo que tanto desejava, morrendo em serviço de suas almas"; "... Sempre entre nós conversou sem ofensa, mui humilde, mui obediente, sempre desejoso da perfeição..."; "... todos fizeram em toda a terra geral pranto por ele. Era cousa de grande compaixão ver as muitas lamentações de homens e mulheres, que relatavam as suas virtudes" ¹⁵

A figura de Pero CORRÊA impressiona: aprisionador de índios, convertido aos índios, por estes é morto por incitação de um branco cristão.

ANCHIETA se refere também ao Irmão João de SOUSA:

"Era pessoa santa, jejuava todas as semanas, a quarta-feira, a sexta e o sábado, e não consentia diante de si que se fizesse ofensa a Deus Nosso Senhor. ... E desde que entrou na Companhia a todos excedia na penitência, humil-

**"A figura de Pero
CORRÊA
impressiona:
aprisionador de
índios, convertido
aos índios"**

dade, simplicidade e caridade. E assim, e detrás das panelas da cozinha, porque era o nosso cozinheiro, tirou-o o Senhor e o elegeu para tão grande coroa" ¹⁶

O clima de inimizade entre os portugueses e carijós vai se acentuando com a motivação de que em 40 anos já tinham morto 150 portugueses, além dos dois Irmãos. Mistura-se a morte de portugueses com a real simpatia dos carijós pelos espanhóis, contra os quais a coroa portuguesa fecha o cerco, interditando o caminho de Santa Catarina a Assunção. O carijós passam a ser sempre mais cobiçados para o projeto agrícola português.

6.3 - O PRIMEIRO ENCONTRO NA LAGUNA

Em 1596 chega a São Vicente um navio, trazendo 70 carijós apanhados numa emboscada. Entre eles estava Caiobig, irmão do cacique Facaranha. O fato era grave, pois quebraria a paz entre portugueses e indígenas. O capitão recebeu ordem de devolvê-los, mas não teve coragem de fazê-lo *"sem levar padres, a cuja sombra fossem melhor recebidos e andassem mais seguros"*.

Viajaram acompanhados pelos Pes. Agostinho de MATOS e Custódio PIRES.

A 4 de dezembro de 1596 chegaram ao porto da Laguna dos Patos. Plantaram uma cruz, e junto dela construíram uma capela. Os portugueses devolveram os índios e o povo carijó ficou muito satisfeito com a presença dos missionários. Anunciaram a boa nova aos outros que, de muitas léguas, alguns de 200, acorriam para ver os missionários. Abraçaram-nos com muito amor, derramaram lágrimas e pediram-lhes, ou que morassem entre eles, ou retornassem logo.

Como não havia ali povoação de portugueses, os padres não acharam que fosse segura sua permanência. Retornaram a São Vicente.

6.4 - PLANOS PARA FUNDAR UMA RESIDÊNCIA

O Pe. Fernão CARDIM, ao retornar de Roma trouxe a resolução de iniciar missões estáveis entre os carijós e até fundar uma Residência. Com esta finalidade, a 27 de março de 1605 partem de Santos os Pes. João LOBATO e Jerônimo RODRIGUES, acompanhados de 7 índios cristãos da aldeia de São Barnabé do Rio de Janeiro.

Após viagem cheia de peripécias e perigos, com parada no rio São Francisco, onde encontraram um dos carijós restituídos na expedição de 1596, chegaram à Laguna a 11 de agosto.

Foram recebidos por 17 índios, que deram mostras de alegria, mas logo decepcionando os padres, pois queriam mesmo era receber presentes e resgates! Procuraram visitar as aldeias vizinhas, mas ficaram admirados porque os carijós davam o nome de aldeia a uma casa apenas...

Quando acharam uma com duas casas, ali se detiveram para construir uma igreja. Era Embitiba, com seus nove ou dez moradores, alguns cristãos antigos, dos tempos de Frei Bernardo de ARMENTA. No dia de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1605, celebraram a primeira missa naquela terra. E escreve o Pe. Jerônimo: *"Tomou-se*

posse, da parte de Deus, de gente que o demônio tantos mil anos tinha em seu poder.”

É do Pe. Inácio de SIQUEIRA, em 1635, a poética descrição da Laguna:

“Chama-se este porto de Laguna, porque, como nele se juntam quatro rios caudais, para ir beber no oceano por uma só boca, e esta seja muito estreita, é força que hajam as águas de esperar vez e represar a sede, que trazem, de beber no salgado, por espaço de seis ou sete léguas, até que o mar dá entrada ao rio, que mais quer ainda, que as águas se vão todas de mistura. A esta represa, que aqui fazem os rios, chamam os carijós Alagoa. Toda a barra é muito dificultosa assim ao entrar como ao sair, e como nós não levávamos piloto, que lá tivesse entrado, foi o desejo que nos meteu de dentro, mediante a divina graça.”

Continuaram os padres os trabalhos, visitando as povoações dos arredores. Numa destas incursões chegaram a ultrapassar o rio Araranguá, ponto utilizado pelos brancos para a compra de escravos.

O intermediário nestas terras era o famoso índio TUBARÃO, poderoso e altivo, temido e respeitado em toda a circunvizinhança da Laguna, que chega a ser chamada de Patos do Grande Tubarão. Era o “Trovão”, autointitulado senhor de todas aquelas terras, grande feiticeiro que sabia das coisas antes que acontecessem, pois Deus lh'as revelava.

“O intermediário nestas terras era o famoso índio TUBARÃO”

Era tido como chefe e rei de todos os índios, inclusive dos Arachãs, “porque todos estão a seu mandado e obedecem a seu aceno”, escreveu o Pe. João de ALMEIDA em 1617. Estará diante dos padres em todas as viagens até 1635, com seus irmãos e os índios Jacuruba, Jararoba e Anhangari.

Tubarão foi feito chefe por Cristóvão de AGUIAR, que o profissionalizou na arte do roubo e do tráfico de índios. Sentia-se seguro de seu poder e recebeu os padres com muita soberba, impressionando mal. Estava em sua tenda, deitado numa rede. Coberto com uma manta listrada, chapéu na cabeça, fez os padres e a comitiva entrarem. Com o maior desdém primeiro falou com um índio, depois com outro, após cada frase tomando uma beberagem, fingindo não enxergar os padres. Finalmente deu-lhes a palavra e eles então explicaram o motivo de sua vinda:

“Se quisesses ser filhos de Deus e terem igreja e padres em suas terras, que se haviam de juntar e deixar suas vendas e suas matanças, por ser ofensa de Deus.”

Neste meio tempo Tubarão teve vontade de urinar. E o fez, na mesma rede em que estava assentado junto ao padre, muito devagar e continuando a beber, o que fez o Pe. Jerônimo lembrar um dito:

“Há gente que Deus fez, outra que mandou fazer e outra que deixou recado para ser feita...”

Na despedida, falou Tubarão que estava contente com a vinda dos padres, mas que primeiramente faria duas guerras e depois se juntaria a eles na Laguna.

Este encontro marcou profundamente os padres, consternados com o costume disseminado da compra e venda de indígenas por obra deles mesmos, espantando os tapuias que não tiveram coragem de se aproximar.

O fato vai mudar a imagem que se tinha do melhor gentio da costa brasileira:

“Se os brancos dizem ser os carijós bons, é porque se lhes vendem”;

e concluíam os próprios carijós:

“Porque lhes vendemos nossos parentes, dizem que somos bons.”

Os portugueses, já há 20 anos tinham negócios por aquelas regiões, indo até o Tramandataí, no Rio Grande, portanto bem antes do descobrimento deste pelo Pe. Roque Gonzáles. Os colonos tinham favorecido estas vendas de irmãos, e os agentes indígenas, tipo Tubarão, espalhavam o terror entre os índios. As peripécias dos últimos 50 anos tinham estragado o caráter do carijó, injetando nele a cobiça sem freios.

Admiraram os padres, porém, algumas de suas qualidades: bebem mas não se embriagam, sendo ladrões de pessoas não roubam objetos entre si, e as mulheres não bebem,

“o que é a melhor coisa que cá vimos.”

Tentaram em vão aldear os índios na Laguna, pois estes não se dispuseram a roçar e assim garantir meios de subsistência da nova aldeia. O balanço geral desta missão foi negativo: em dois anos conseguiram reunir apenas 150 índios. Como não havia possibilidade de continuarem na Laguna, em 1607 decidiram levá-los para as aldeias do Rio de Janeiro, onde seriam doutrinados.

No retorno, devido aos ventos contrários, tiveram de desembarcar em Santos. E aí um final inesperado: o Capitão de Santos instigou os moradores a não permitirem a saída dos índios. Por meio da força e de embustes, distribuiu-os entre os moradores. Os índios acabavam de perder a liberdade de um modo trágico: sonhando com uma vida segura junto aos missionários, livres do comércio escravagista, terminaram escravos nas fazendas dos brancos! Não era fácil o recurso ao governador, distante, e por isso a injustiça ficou impune.

Algumas palavras sobre os dois padres: o Pe. João LOBATO, de Lisboa, foi um dos maiores sertanistas do Brasil e tido por santo ainda em vida. Faleceu no Rio em 1629, aos 83 anos de idade. O Pe. Agostinho de MATOS, também natural de Lisboa, era homem de grande caridade. Fazia suas viagens descalço e não se preocupava com o que havia de comer ou beber. Faleceu no Rio aos 65 anos, entre 1616-1617. Os dois presenciaram os inícios da devastação moral e física dos carijós por obra dos paulistas e vicentistas.

6.5 - OVELHAS NO MEIO DE LOBOS

Em 1617 os jesuítas resolveram retornar à terra dos carijós, nutrindo ainda o desejo de estabelecer residência estável entre eles. Vieram os Pes. João Fernandes GATO e João de ALMEIDA.

Ao chegarem, perceberam alguma coisa no ar: os portugueses, por mensagens secretas, preveniram os índios contra os padres, aconselhando-os a se acautelarem com aqueles dois homens, que eram maus e que, se che-

gassem a ouvir-lhes a voz, ficariam sem remédio seus escravos!

Os moradores de São Vicente, Santos e São Paulo fizeram os maiores esforços para que a expedição fracassasse, pois temiam muito perder os postos de resgate, que lhes possibilitavam altos negócios.

Os índios não lhes deram crédito e receberam os padres com festa e regozijo na Ilha de Santa Catarina. De toda a redondeza acorreram para saudá-los. Puderam os missionários pregar com muito fruto, passando-se logo para a Laguna e depois para Araranguá e Boipetiba, último posto de resgate usado pelos paulistas.

Além da pregação, curaram doentes, alguns com postemas perigosas, sangraram outros e instruíram os que estavam em perigo de morte, principalmente crianças, batizando-os em seguida.

Em Boipetiba (Mampituba), encontraram-se com o Caraiabê (Grande Anjo), um dos principais chefes do sertão do Rio Grande, temível feiticeiro, do qual diziam que não nascera de mulher e que dava aos filhos mais do que pediam para assim o temerem e obedecerem a qualquer recadinho. Iguamente puderam falar aos Arachãs.

O caminho da Laguna a Boipetiba foi feito a pé e adoeceram os dois padres, o Pe. João Fernandes estando quase à morte. Ainda assim, da cama, *"que eram quatro paus fendidos sobre quatro forquilhas, com uma pouca de erva em cima"*, atendia aos índios, que também adoeceram. O principal da aldeia de Boipetiba, vendo que o padre não melhorava e temendo que morresse em sua casa, o que era considerado de mau agouro, pediu que o botassem fora. Mas, escreve o Pe. João de ALMEIDA, *"livrou-o Deus desse trabalho com a saúde que lhe deu."*

Esta missão teve os melhores frutos, vindo milhares de índios ao encontro dos sacerdotes. Certamente eles representavam para os carijós o único caminho de liberdade, pois *"queriam ter perpétua amizade com os portugueses, mas viver sob o patrocínio dos padres."*

Esperavam os jesuítas descer com uns três ou quatro mil indígenas e para isso escreveram a Salvador CORRÊA DE SÁ pedindo farinha e embarcações de alto bordo até outubro de 1618. Mas até janeiro do ano seguinte não chegou nada, por culpa de alguns moradores de São Vicente e de Cananéia, que queriam a qualquer preço acabar com a missão.

Quando esses perceberam que, mesmo assim, os padres iriam viajar com os carijós, enviaram duas canoas, uma antes e outra ao mesmo tempo, com recados para seus "compadres" como o grande Tubarão, o Conta-Larga, o Papagaio, o Grande Anjo. Os recados falsos diziam que os padres iriam buscar os índios para os repartir, levar para Portugal e outras terras mais distantes, vendê-los e maltratá-los. E chegaram ao desprazo de se dizerem emissários de Salvador CORRÊA DE SÁ e de seu filho. E influenciaram os índios, que voltaram atrás, mas pedindo que os padres ou ficassem com eles ou mandassem outros.

Com muita tristeza, João Fernandes GATO e João de ALMEIDA se despediram. Junto viajaram embaixadores dos índios, para pedirem outros sacerdotes ao provincial Simão de VASCONCELOS. Chegaram ao Colégio do Rio de Janeiro em 23 de março de 1619.

6.6 - EM DEFESA DA VIDA PARA TODOS

Em 1622 organizou-se nova expedição, com a decisão de levar adiante a Residência. Foram escolhidos os Pes. Antônio de ARAÚJO, que acabara de publicar o "Catecismo da Língua Brasilica", e novamente João de ALMEIDA. Em 1624 vêm o Pe. Pedro da MOTA e o Ir. Pero RODRIGUES, com o objetivo de retornar com o Pe. João de Almeida que não se sentia bem e tinha problemas pessoais de relacionamento com o Superior, Pe. Araújo.

Foram incansáveis no meio de um mundo tumultuado pelos brancos, que ali iam com o fim único da exploração humana e se serviam de astúcias, violências e injustiças para prejudicar a missão. Chegaram à Laguna e na terra firme construíram uma casa para as missas e os demais Sacramentos.

No princípio os índios se mostraram duros e desconfiados. Num dia, porém, foi proferido um sermão sobre a importância do Batismo, mostrando-se de uma parte o fogo do inferno e de outra os bens da glória eterna. A graça tocou de tal modo aqueles corações que, com lágrimas nos olhos, muitos pediram o batismo.

Após oito dias de intensa catequese, 200 foram batizados. Tomaram tal afeição aos padres que muitos, morando uma légua distante da igreja, não perdiam Missa nos dias santos, mesmo em tempo de muito frio e chuva. Causou a maior impressão a conversão de um grande cacique, famoso pelos assaltos praticados contra os guaianazes. De joelhos pediu o Batismo e abominou publicamente todas as suas valentias passadas.

De passagem pelas aldeias, detiveram-se nas terras do Tubarão, onde 27 receberam o Batismo. Tubarão veio ao seu encontro e recebeu dos padres toda uma motivação para se converter. Declarou, porém, sobranceiro:

"O Batismo era para crianças e Deus não o cria para o céu, mas para morador da terra; era testemunha e prova da qual verdade, que o pusera nesta e não naquela."

Numa grave doença, porém, o Tubarão esteve para se batizar. Não foi aceito, por não demonstrar as disposições necessárias. Voltando a doença, novamente pediu o Batismo, não convencendo os padres, que não confiavam na firmeza de sua fé, permanecendo no sertão como antes. Batizaram, porém, dois de seus filhos.

Caminhando sem cessar, cuidando sempre da pregação, visitando os enfermos, provendo-os com o que podiam e sangrando-os, batizando os que estavam em perigo de vida, chegaram à aldeia do Caibi, já em pleno Rio Grande do Sul, onde tencionavam fundar uma grande aldeia cristã. Ali quiseram ajuntá-los, para viverem comunitariamente, mas os índios já tinham sido predispostos pelos portugueses, que não os queriam vivendo juntos, o que dificultaria o trabalho de levá-los cativos.

*"Representavam
para os carijós o
único caminho de
liberdade"*

Igualmente o Anjo, grande feiticeiro, lhes disse que o demônio tinha prevenido que, se os padres entrassem em suas terras, suas artes não teriam mais efeito. Mandou recado aos padres que não passassem adiante, nem fossem às suas terras.

Era o ano de 1626. A grande aspiração dos jesuítas, de estabelecer uma Residência, ia ser frustrada pela ação do Anjo e, sobretudo, dos escravizadores que não tardariam a chegar às aldeias, destruindo-as onde quer que as encontrassem. Esses homens, cristãos também (!), impediram tanto o trabalho missionário como a colonização do Rio Grande do Sul.

Os padres voltaram à Laguna e dali mandaram notícias ao Rio de Janeiro. Então o Pe. Francisco CARNEIRO, reitor do Colégio, preparou-se para vir em pessoa e com poderes para resolver os problemas, manter ou suprimir a Residência. Trouxe consigo alguns índios da aldeia de São Barnabé, entre eles Silvestre, homem de confiança que vivia no Rio como qualquer português honrado. Em São Paulo, agregou mais alguns e o Pe. Manuel PACHECO e o Ir. Francisco de MORAIS, que iniciava sua carreira de grande sertanista.

A 5 de abril de 1628, chegaram à Laguna dos Patos recebidos pelos Pes. Antônio de ARAÚJO e Pedro da

"Um mulato fugido, pombeiro e porta-voz dos escravagistas, e cujos conselhos e perfídias estragavam tudo"

MOTTA, que vieram esperá-los à entrada do porto, com cinco canoas cheias de índios. O Pe. Francisco CARNEIRO foi logo se inteirando da situação. Soube que pouco antes a aldeia tinha sido atacada por Mbaetá, irmão do Tubarão. Enviou Silvestre a falar com o Anjo. Contactou também com outros chefes, como Bacaba, Boipeba,

Maracanã e Aberaba. Aberaba viera do sertão distante 50 léguas e depois acompanhará os padres com o nome, cristão e prestigioso, de Matias de Albuquerque. Também foi informado de que andava por ali um mulato fugido, pombeiro e porta-voz dos escravagistas, e cujos conselhos e perfídias estragavam tudo.

Com todas essas notícias, o Pe. CARNEIRO resolveu retornar com os padres e os índios que quisessem acompanhá-los, dizendo-lhes que era melhor irem para o Rio de Janeiro, onde poderiam viver com segurança. Os carijós se impressionaram pouco com as motivações. Um deles, porém, Boipeba, afirmou que não era bom ser feito cristão para depois viver como pagão e que ele, por amor de sua terra, tinha anteriormente pedido aos padres que ficassem com eles; agora, na impossibilidade de ficarem, os acompanharia com a sua família.

Entretanto o Pe. Pedro da MOTTA, o Ir. Francisco de MORAIS, Silvestre e mais alguns índios tinham-se internado pelo sertão, numa viagem de 16 dias, longe da Laguna, a fim de juntar e persuadir os índios a irem com

os padres. Nesta dolorosa viagem por frios e desabrigados caminhos, com os trabalhos "que tiveram, de lavar, servir, amparar e ainda trazer às costas os doentes", foram surpreendidos por um "andaço de febres malignas". Adoeceram também eles.

Faleceram alguns índios e o próprio Pe. Pedro da MOTTA. Depois de 12 dias de doença e de receber os Sacramentos, expirou numa terça-feira, 30 de maio de 1628. No mesmo dia foi enterrado na capela da igreja, defronte do altar, em um caixão de cedro.

"E assim confiamos lhe terá o Senhor dado o prêmio de seus trabalhos, em particular deste último, que por seu amor e por obediência e bem do próximo, padeceu até dar a vida", escreveu o Pe. CARNEIRO.

O chão de Laguna, que já recebera o corpo de Frei Bernardo de ARMENTA, recebia agora o do Pe. Pedro da MOTTA.

Os padres encetaram a viagem de retorno, levando consigo mais de 400 índios. Quando estavam na Ilha de Santa Catarina, receberam notícias assustadoras sobre os escravagistas, os preparativos da expedição de Manuel PRETO e Antônio RAPOSO TAVARES, tormenta que em breve iria abalar toda a Capitania de São Vicente e o trabalho missionário, que praticamente seria destruído.

Na Ilha chegaram dois patachos, afora um que já por ali se encontrava, carregados de quase 50 compradores de carijós. Olharam os padres com ódio, mas conformados, pois esses índios, que com eles iam, ainda não tinham sido pagos.

O Pe. CARNEIRO insistiu com eles para que fizessem um dos barcos até Cananéia, pois assim a viagem seria menos longa e penosa. Com desprezo, negaram o pedido.

Partiram a 14 de julho, no mesmo dia chegando à Enseada das Garoupas (Porto Belo), onde se abasteceram de peixe e outros produtos que ali se encontravam com mais facilidade. Permaneceram nas Garoupas 9 dias, quando tiveram que se dividir: o Pe. Antônio ARAÚJO e o Ir. Francisco de MORAIS iriam por terra, com 220 almas e as canoas para os mantimentos e as passagens dos rios; e os Pes. Francisco CARNEIRO e Manuel PACHECO, na barca, com 185.

Estes últimos partiram a 24 de julho, chegando à Cananéia no dia 28, onde se detiveram por 23 dias, sendo muito bem acolhidos pelos moradores.

Novamente se colocou o problema de uma embarcação. Tentaram em Santos, junto ao Pe. Francisco da SILVA, Vigário da Vara. Este, porém, exigiu um preço muito alto, o que faria a viagem importar em inexistentes 400 cruzados. Por fim, dois moradores cederam gratuitamente suas embarcações.

Chegando em Santos, viram o pouco gosto dos moradores pelo fato de os índios serem levados para o Rio, quando seria melhor para suas fazendas que ficavam por ali mesmo.

E, finalmente, a 17 de setembro entravam na Marombaia, Rio de Janeiro. Os índios foram situados nas terras de Guaratiba, aldeia de São Francisco Xavier.

Em 1631, preparava-se nova missão junto aos carijós, a pedido de Martim DE SÁ, mas esta não aconteceu devido à invasão holandesa em Pernambuco.

6.7 - A MORTE PARECE VENCER A VIDA

Cumprindo a antiga promessa do Pe. CARNEIRO, os jesuítas voltaram novamente aos Patos em 1635. Desta vez, com o Pe. Inácio de SIQUEIRA, o pacificador dos goitacases e o agora padre Francisco de MORAIS. Viajaram no patacho Santo Antônio, acompanhados por carijós que o Pe. Carneiro tinha situado em Guaratiba, entre eles o famoso Aberaba, agora Matias de ALBUQUERQUE, "grande principal no sangue e maior na cristandade e bondade natural."

Partiram de Guaratiba a 7 de julho de 1635. Nesta viagem enfrentaram uma tormenta de 12 horas, tão terrível que "nem nós sabíamos julgar se os mares comiam ao navio, ou se o navio bebia os mares!"

Os dois padres se confessam mutuamente, se abraçam e se despedem, pois o piloto avisara que "não havia no navio o que aliviar, senão almas no céu, corpos ao mar."

Neste momento o Pe. SIQUEIRA jogou ao mar

"A expedição missionária atinge a Ilha de Santa Catarina e a Laguna"

uma relíquia do Ir. Francisco DIAS, piloto que nunca sofrera naufrágio. A tempestade acalmou e após doze horas se dão conta de que estão no mesmo lugar da véspera...

A expedição missionária atinge a Ilha de Santa

Catarina e a Laguna. O Pe. Inácio de SIQUEIRA é o cronista da missão, anotando preciosas observações de cunho histórico e etnográfico. A seguir procuraremos seguir os principais passos de sua narração.

Na Ilha de Santa Catarina nota que os alimentos preferidos dos carijós são mandioca, feijões, milho, batatas e abóboras de estranha grandeza. E fica admirado pela onipresença do palmito:

"Levávamos a palma a todos os manjares do mundo, porque todas nossas iguarias são palmitos, que são os olhos das palmeiras. E como tais os têm eles tão guardados e vestidos de tantas túnicas, que primeiro que se lhe chegue à camisa interior, que é a que se lhe come, sua o corpo a que traz vestida, com um machado nas mãos. Ainda que depois desta dureza, se desfazem todas em iguarias, porque, cozidos com a carne, ficam nabos e couves; com o peixe ficam salsa; moídos e torrados são biscoito; e desfeitos em farinha ficam pão; comidos só no talo são regalo de toda a fruta; e, temperados com a fome, sabem a tudo."

6.8 - O CORAÇÃO E A FÉ CARIJÓ

Pe. SIQUEIRA os julga o índio mais dócil do Brasil, "assim nas feições e proporção dos corpos como naqueles dotes que ficam na fundição da alma".

Suas mulheres são as mais bem honestamente cobertas, as criancinhas são muito vivas e hábeis em gravar na memória as lições da catequese. Uma menina recitou

de memória a Ave-Maria, após tê-la escutado apenas três vezes. Há outras que sabem de cor todo o Catecismo.

São devotíssimos da Confissão, acusando-se de faltas insignificantes. Pode-se conhecer a proximidade da morte de um doente pela sua confissão, pois se acusa com tanta contrição e afeto de alma que parece estar sendo preparado por Deus. Quando cometem mesmo um só pecado, não esperam o domingo para a acusação: acorrem logo ao confessor. Também no início de qualquer enfermidade pedem a Unção dos Enfermos.

Por outro lado, anota o Pe. SIQUEIRA, são os índios mais interesseiros de todo o Brasil, assim feitos pelos portugueses que com eles começaram a comerciar. Um português comprou cinco deles em troca de uma carapuça e três pelo couro de um pandeiro. Certamente, ironiza o padre, por um pandeiro inteiro compraria toda a aldeia!

Com o desmantelamento da estrutura religiosa carijó, o sacerdote ocupa o lugar do pagé, espécie de xamã, e passa a ser o destinatário dos pedidos de cura e de desafogo de consciência. É o mesmo processo que ocorreu nas reduções guaraníticas. Sua mística religiosa, a espera

"Com o desmantelamento da estrutura religiosa carijó, o sacerdote ocupa o lugar do pagé"

de um salvador miraculoso, contribuíram para que os homens de batina preta e cruz nas mãos fossem considerados os substitutos da antiga religiosidade.

Inácio de SIQUEIRA, observando a religiosidade carijó, destaca três tipos de atuação dos xamãs, aos quais denomina "feiticeiros". Entre esses índios, o homem revestido de poderes espirituais exerce também a liderança entre os seus, baseada no respeito, na necessidade ou no temor.

Divide esses chefes religiosos em três categorias: os curandeiros, os vingadores e os premonitores. Transcrevemos literalmente esta parte da Crônica:

"O primeiro (curandeiro) é o comum de todas as nações, nas quais para o feiticeiro ganhar sua vida e adquirir nome e fama para com os seus, finge quem tem virtude no chupar com a boca e os beijos e sorver para si todo o mal que um corpo tem; e como um enfermo adoece, seja de qualquer enfermidade for, chegando o feiticeiro, lhe pergunta pela parte que lhe dói e que tem lesa; e, mostrando-lha, começa ele a chupar e a fazer medicinas; e para isso levam já debaixo da língua uma espinha ou osso, ou um bicho muito feio. Fazendo que o tiram do corpo do enfermo, lho mostra com grandes visagens, dizendo-lhe: "Olhai, como poderia dormir ou repousar, nem ainda viver num corpo a quem este bicho estava roendo as entranhas?"

E se o doente estava doente de imaginação logo sara, mas se era outra doença fica como dantes, e o médico melhorado com o que lhe deram pela cura. A este gênero de feiticeiros chamam eles "Pajé angaiba".

O segundo gênero (vingadores) é daqueles que, ou por ódios ou por inveja, ou porque assim lhes persuade o diabo, matam com seus feitiços a quantos os aplicam, e é desta maneira: primeiramente o mesmo diabo, depois de os persuadir que matem aquelas pessoas que malquerem, lhes fazem umas covas debaixo da terra na casa daquela pessoa que há-de morrer da peçonha. Estas covas faz o diabo muito subtilmente em forma esférica à feição do globo de uma garrafa perfeitamente redonda e as covas em grande número, com um rasto e serventia aberta de umas às outras por onde se comuniquem. Também lhe abre o diabo estas covas nos caminhos, que mais frequente, e nas fontes onde vai buscar água aquela pessoa que há-de ser enfeitada. Nesta cerimônia concorre o feiteiro só em colocar com suas mãos e meter nas covas as reliquias e sobejos do prato ou da mesa que ficaram à pessoa que há-de padecer os tais feitiços; estas reliquias são ordinariamente as espinhas do peixe, os ossos da carne que ficaram das iguarias, as quais o diabo traz ao feiteiro para que ele por sua mão as meta dentro das covas as quais, se não tocar o feiteiro, não têm eficácia nenhuma para matar; também o diabo lhe traz um sapo ou uma cobra, ou outro bicho semelhante, o qual o feiteiro prende e ata a qualquer pé de árvore. E assim como o bicho, por falta de mantimento, vai desfalecendo e perdendo as forças, assim aquela pessoa por quem se aplica este feitiço se vai secando com grandíssimas dores até que de todo se adelgaça tanto que acaba a vida. A estes feiteiros aparece o diabo e trata com eles em figura de um menino etíope, feio e torpe, mas a eles muito amável e gracioso.

Terceiro gênero de feiteiros (premonitores) é daqueles que fazem crer ao povo que são filhos de Anjos e não têm pai na terra. Não negam contudo que foram concebidos e nascidos de mulher porque os viram nascer e criar. Porém como chegam à idade que o diabo os pode tratar e fiar-se deles, com algumas coisas futuras, que lhes revela a eles antes que aconteçam, faz crer ao povo que são verdadeiras, porque depois as vêem sair certas, concebem grande opinião de sua santidade e assim lhes obedecem e os veneram como a deus. Este terceiro gênero de feiteiros, nenhuma nação dos Brasil os tem senão os carijós, e agora o seu Príncipe que os governa a todos é um muito assinalado em profecias e por isso estranhamente obedecido e adorado. Reside nas ribeiras de um rio, chamado por excelência o Rio Grande; aqui é venerado e visitado de toda a Província e, de todas as novidades que se colhem, se lhe oferecem as primícias como a um Melquisedec.

A estes feiteiros se chamam "Caraibebê", que é dizer o mesmo que "Anjos". E por este nome se nomeia este, ainda que enquanto homem, também se nomeia "Araabaeté" que vale o mesmo que "Dia do Juízo". Este não tem mais que uma só mulher e estranha muito aos seus vassallos usarem de tão grande multidão que todos têm."

A tradução de "Caraibebê" para "Anjo", feita pelos jesuítas, não está correta. O certo é traduzi-lo por "Profeta voador", que expressa melhor a categoria religiosa a que pertenciam.

Os carijós gostam de visitar o Anjo para receber seu bafo que traz sorte e muitos anos de vida. Mesmos os cristãos não perdem ocasião de receber o "bafo santo". Os

padres ficaram impressionados com ele e suas premonições. Tendo o dom da profecia, antes da guerra anuncia a vitória ou a derrota. Se a profecia não funcionar, a culpa é dos capitães! Distante dos acontecimentos, tem o dom da clarividência, informando pormenorizadamente cada passo de uma viagem ou missão.

Desta crença, não escapou Matias de ALBUQUERQUE na viagem de vinda para a Missão em 1635. Ao chegarem ao rio São Francisco, logo disse:

"Padres meus, já agora me viu o Anjo. Sabe, lá onde está, que Vas. Rev.as estão aqui, e os nomes de quantos vêm neste navio. Padres, não há que duvidar no que digo, que é certíssimo."

E realmente, chegando na Laguna, ficaram espantados que o povo soubesse tudo o que tinha acontecido, a tormenta, quantos eram, etc. Ocara Abaeté (Terreiro Espantoso), filho do Anjo, lhes profetizara tudo. Para o Pe. SIQUEIRA, tudo isso era prova cabal de que os feiteiros tinham parte com o diabo! Evidentemente os missionários não podiam entender a vida religiosa dos carijós, pois lhes era claro que tudo o que fosse extraordinário, não sendo originado do Cristianismo, era obra do diabo.

Algumas "terapias" usadas pelos "vingadores" são as ancestrais de nossas conhecidas simpatias. Pela narração do Pe. SIQUEIRA podemos ter uma idéia de quanto nossa religiosidade e medicina populares devem sua base ao mundo carijó. E, sem dúvida, os carijós não eram tão diferentes assim dos meios populares europeus onde, do mesmo modo, vicejavam curandeiros, vingadores e premonitores. Somente que, lá, eram chamados de bruxos, bruxas, ou profetas e místicos.

A cultura carijó deitou raízes na vida catarinense. Na culinária tradicional, onde entram o peixe, o aipim, a mandioca, o milho. Na toponímia, basta lembrar: Anhatomirim, Araquari, Babitonga, Cubatão, Cambirela, Garopaba, Imbituda, Imaruí, Itacorubi, Jaguaruna, Jurerê, Massiambu, Pirão, Pirajubaé, Tapera, Tijucas, Sambaqui... Nos apetrechos ligados à vida do pescador: canoa escavada no tronco do garapuvu, covo, balaio. Nas habilidades de ofício: na caça, o mundéu, a arapuca, a acuidade pessoal e o andar leve no mato e na mata. Mesmo a cestaria sofisticada do comércio de artesanato tem origem no carijó, e é prova que ficou como também ficaram a vassoura de cipó e os balaies de taquara¹⁷.

Destruido pelo branco cristão sem fé cristã, porque não viu no outro o irmão, o carijó deixou para a gente catarinense algumas lembranças a testemunhar que foi ele o primeiro catarinense, e o primeiro a ouvir e acolher a fé cristã.

Tranquilo e feliz nas suas terras, não negou hospitalidade generosa ao visitante branco. Em troca, recebeu a escravização e a morte.

"Evidentemente os missionários não podiam entender a vida religiosa dos carijós"

6.9 - A VIDA RELIGIOSA E FAMILIAR DOS CRISTÃOS CARIJÓS

Assim como os primeiros textos medievais das línguas modernas foram penitenciários (listas de pecados e penitências) e textos bíblicos-religiosos, a literatura religiosa do primeiro século da conquista do Brasil foi constituída por textos catequéticos jesuítos. Afrânio Peixoto os denomina "tabuada da nossa civilização".

Em 1618 o Pe. Antônio de ARAÚJO (1566-1632 - cf p. 11) publicou o seu "Catecismo na Língua Brasileira", redação final que tinha feito a partir de um núcleo catequético que remontava aos inícios da catequese dos jesuítas. Há motivos fundados para se afirmar que esse núcleo original teve a participação do Pe. José de ANCHIETA e do Ir. Pero CORRÊA (cf p. 09). Esse último, um dos melhores intérpretes da língua indígena, tinha escrito uma "Suma da Doutrina Cristã".

Para os catarinenses, a obra tem um significado especial, pois tanto Antônio de ARAÚJO como Pero CORRÊA trabalharam entre nós. Este, o caçador de índios convertido em missionário, por eles derramou seu sangue em fins de 1554 ou início de 1555. Antônio de ARAÚJO aqui esteve em 1628, após ter publicado seu Catecismo.

Não há dúvidas de que esse texto foi usado na evangelização carijó. Nele estão o conteúdo das pregações, os cantos e os ritos do primeiro cristianismo catarinense.

Quase todo o Catecismo foi redigido em tupi antigo. Só no livro VII, que é um pequeno Ritual, predomina o latim: é o Ritual usado no Brasil nos séculos XVI e XVII, antes dos Rituais do Concílio de Trento!

Antes do conteúdo propriamente dito, o Pe. Antônio de ARAÚJO transcreve algumas "Cantigas na Língua, para os mininos da Sancta Doctrina", compostos pelo Pe. Cristóvão VALENTE (1566-1627), em forma de estrofe-refrão. Era costume dos missionários o aproveitamento de melodias indígenas para letras catequéticas. Os séculos XVI e XVII foram férteis no trabalho missionário de inculturação da fé cristã.

O Corpo da obra se divide em sete livros que versam sobre: 1) Orações, 2) Os Mistérios da Fé, 3) A Paixão, 4) Os Mandamentos, 5) o Ritual do Batismo, do Casamento, da Estrema unção, da Encomendação, 6) os Novíssimos e 7) Bênçãos diversas.

Oferecemos ao leitor alguns textos e rituais, para que possa saborear e recordar, séculos depois, um pouco da vida religiosa cristã semeada entre nossos antepassados carijós.

I - PRINCIPAIS ORAÇÕES DO CRISTÃO

1. Do sinal da Sancta Cruz.

Sancta Cruz / Raangába recê / Oré pigcírô yepé / Tupã oré iar / Oré amotaré imbàra / çui, / Tãba, / Taira, / Espirito Sancto / Rera pupê. / Amen IESU.

2. Padre nosso.

Oré rúb / Igbâcupe teoar, / Ymoetê pîramo, / Nde rera toicô / Toûr nde Reino / Tônhémohang / Nderemimotara ibipe / Igbâcupe, ynhemohanga yabê / Oré remiu / Ara yabiô ndoâra / Eimeeng cori orebe. / Nde

nhirô / Ore angaibapa recê / Orebe / Ore tere cômemoçara çupe / Ore nhirô yabe / Ore moarum carumé yepe / Tentação pupê: / Ore pi cirôte yepe, / Mbaê iba çui. / Amen IESU.

3. Ave Maria.

Ave Maria / Graça rece tini címbae / Ndeirumnámo yande iàra recou: / Ymombêu catu pîramo / Ereicô cunhã çui / Ymonbeû catû pîrabê / Nde membîra IESUS; / Sancta Maria Tupã ci / E Tupã mong etã, / Orê yangai pãbaê recê, / Côi, irá, / Orê yequi-i / Orê rûmêbêno. / Amen IESU.

II - OS NOVÍSSIMOS (QUATRO ABA RECÔ MONDÍCĀBA)

1. Teõ (morte).
2. Tupã acerecô cuápãba (julgamento por Deus).
3. Anhangá ratã (inferno - casa do Diabo).
4. Igbac-upe torîba (paraíso).

III - RITO DO BATISMO anterior ao Concílio de Trento - 1545-1563)

Ao contrário da prática de outras ordens religiosas, os jesuítas eram muito rigorosos em ministrar o Batismo aos adultos. Faziam-no apenas após longo e rigoroso catecumenato quando, além de mostrarem conhecer a doutrina cristã, os candidatos deveriam comprovar vida cristã.

O rito do Batismo é rico em simbologia e mostra muito bem a luta entre Deus e o Demônio pela posse da pessoa.

Os padrinhos ficam à escolha dos adultos, ou dos pais dos inocentes, e não hão de passar de dois.

Antes da cerimônia do Batismo, tem lugar uma breve e última instrução para os catecúmenos (pode também servir para os doentes *in extremis*), um diálogo na língua tupi. Depois vem o rito:

01. Estando o sacerdote em pé à porta da igreja, pergunta ao que se há de batizar o seguinte: o nome e o que pede à Igreja. Segue alocução.

02. Realiza um exorcismo, seguido de um sopro em forma de cruz no rosto do que se há de batizar, dando-lhe o Espírito Santo.

03. Em seguida, o sinal da cruz na testa, impondo o nome de Jesus e a cruz na testa e no coração. Segue-se oração para que Deus o aceite.

04. Bênção do sal e sua colocação na boca.

05. Exorcismo.

06. O Ministro toca com seu cuspe as orelhas do batizando, para que se abram a Deus e se fechem a Satanás.

07. O batizando é convidado a entrar na igreja.

08. Todos de joelhos, recitam o Pai-nosso, o Credo. Depois, o padre lê Mt. 19,16.

09. Impõe a mão na cabeça do batizando e o admoesta a não cair em tentação.

10. Bênção da água: exorciza-a e deita-lhe o óleo do crisma.

11. Perguntas da renúncia a Satanás. Se fôr criança, em latim. Se adulto, em tupi.

12. Faz o sinal da cruz no peito e entre as espaldas do batizando, com o óleo dos "mininos".

13. Profissão de fé: em latim, se criança, em tupi, se adulto.

14. Batismo com a água da pia, derramada três vezes na cabeça do batizando.

15. Faz-lhe o sinal da cruz na cabeça com o óleo do Crisma.

16. Imposição da veste branca.

17. Entrega da vela.

18. Finalizando, o sacerdote faz duas exortações: aos batizados e aos padrinhos.

IV - RITO DO CASAMENTO (anterior ao Concílio de Trento - 1545-1563)

O casal de noivos está na igreja e tem início o ritual.

1. Pregão: o sacerdote proclama quem vai se casar.

2. Anúncio dos impedimentos. São 24 impedimentos dirimentes, isto é, que tornam o casamento nulo. Transcrevemos apenas alguns, mais indicativos da vida familiar indígena: 2 - o que se casa com medo da morte ou de algum grave e ruim tratamento, ou contra sua vontade ou imposição do pai, mãe, ou parente que o faz casar, não fica casado, deve separar-se; 3 - o que furtou alguma mulher à força, com intenção de casar com ela, não pode com ela casar enquanto assim a tiver e a não restituir; 5 - o pai, ou mãe carnal não pode casar com algum filho, ou filha, neto, ou neta, ou descendente seu; 11 - os que se concertaram para matar ou mandar matar a mulher, ou marido de algum deles mesmos, seguindo-se a morte, não podem casar um com outro, ainda que não houvesse cópula precedente ou subsequente a tal concerto; 13 - o casado que matou ou fez matar a mulher ou marido para se casar com o que foi seu cúmplice no adultério, não pode se casar com ele, ainda que o tal

cúmplice não soubesse, nem desse consentimento para tal morte; 15 - o casado que antes de consumar o matrimônio se calou e consumou com outra, nem ainda depois da morte da primeira pode casar com a segunda; 21 - o desposado que dormiu com a irmã ou mãe de sua esposa não pode casar, nem com a esposa, nem com a mãe, ou irmã ou parente no

quarto grau; 22 - o forro (liberto) que se casa com a escrava, ou vice-versa, pensado que é forra, não fica casado. Apartamos os tais e casamo-los com outras; 24 - o impotente não pode casar. Se casar, há de se apartar.

Os impedimentos expressam uma preocupação minuciosa de mudar o sistema da vida conjugal indígena, situando-a na moral cristã.

"Os impedimentos expressam uma preocupação minuciosa de mudar o sistema da vida conjugal indígena"

3. Exortação antes do recebimento e bênçãos. Se-guem as perguntas para a mulher e para o homem:

P. **Clara eremenà potâ pe Gonçalo recê?** (Clara, queres te casar com Gonçalo?)

R. **Amendà potâ.** (Quero casar).

P. **Gonçalo nderemirecô potâ Clara recê?**

R. **Xeremirecô potâ cecê.**

4. Recebimento:

Juntas e postas as mãos em cruz uma sobre a outra, as mãos direitas, dos que hão de casar, ficando a do homem encima, e ambas sobre a esquerda do sacerdote, coberta com a ponta da estola e pondo a outra encima das mãos dos noivos, e a sua direita sobre todas, tornando a tirar a sua, faz com ela uma cruz dizendo: **In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.**

5. Consentimento.

Tornando a pôr a mão aonde estava, faz repetir a cada um dos noivos as palavras seguintes:

Mulher: **Gonçalo y xe Clara o rogoar xemênetêramo, Sancta Madre Igreja de Roma tecò monhangarupi.** (Eu, Clara, recebo a vós, Gonçalo, por meu marido, como manda a Santa Madre Igreja de Roma).

Homem: **Clara, y xe Gonçalo orogoar xeremirecô Sancta Madre Igreja de Roma.** (Eu, Gonçalo, recebo a vós, Clara, por minha mulher, como manda a Santa Madre Igreja de Roma).

6. O sacerdote os asperge com água benta, dizendo: **Per aquae benedictae asperitionem det vobis omnipotens Deus suam gratiam et benedictionem.** (Pela aspersão desta água benta, o Deus todo-poderoso vos dê sua graça e sua bênção).

7. Bênção nupcial - é dada a todos os que se casarem, sendo omitida nas seguintes circunstâncias: 1 - quando a noiva já foi casada, ou mulher solteira pública (prostituta); 2 - do primeiro Domingo do Advento até a Epifania inclusive; 3 - de Quarta-feira de Cinzas até o primeiro domingo depois da Páscoa, inclusive.

Admoestará os noivos, aos quais se não dá a bênção, a se receberem nos ditos tempos, e, até que não sejam passados, não façam convite nem vivam juntos, isto é, estão casados mas não podem ainda festejar nem coabitar sexualmente.

Segue-se a bênção nupcial.

8. Prefácio.

9. Oração final.

V - RITO DA EXTREMA-UNÇÃO (ordem que se guarda no dar à *Sancta Unção*)

01. Levando consigo o óleo santo dos enfermos, estopas, uma patena de Cálice, tudo em um prato limpo, vela, água benta e uma Cruz sem mastro, o sacerdote reza o Salmo do Miserere (Sl 50) enquanto caminha.

02. Entrando em casa do enfermo, falará com ele, em seguida proferindo uma admoestação baseada no texto de Tiago sobre a Unção dos doentes (Tg 5,13-15).

03. Segue-se uma oração desejando paz à casa e a bênção para o doente.

04. Depois, oração invocando a bênção para a casa. Em seguida asperge com água benta o doente, em forma de cruz, e depois toda a casa, recitando o Salmo do

Miserere (Sl 50) e o Salmo do Asperges me Domine (Sl 129).

05. Feita a confissão geral, dá-lhe a absolvição.

06. Imposição das mãos com oração de exorcismo.

07. Unção: unge com o óleo bento as sete partes do corpo (olhos, nariz, lábios, mãos, pés, peito e costas) dizendo em cada parte: **"Por esta santa unção e por sua piíssima misericórdia Deus te perdoe os pecados cometidos com os olhos, ... sucessivamente, em cada parte.**

08. Segue-se uma Ladainha, o Pai-nosso e 4 orações.

09. Palavras de consolo ao enfermo, que podem ser improvisadas.

10. Adverte aos presentes que coloquem ali uma cruz e água benta, e que o chamem antes de o enfermo entrar no artigo de morte.

11. O sacerdote se recolhe à Igreja, fala aos acompanhantes e dá-lhes a bênção.

VI - EXAME DE CONSCIÊNCIA PARA A CONFISSÃO

Nada menos que 20 páginas são dedicadas às perguntas que se fazem no exame de consciência para a Confissão. Diante do penitente, o padre fazia as perguntas e esperava a resposta. O Pe. Antônio de ARAÚJO faz uma observação séria a respeito dos números de pecados cometidos: *"Como nesta lingoa não ha palavra com que se declare o numero das cousas, ou veses, tirando a de 1.2.3.4.5.10, daqui vem que nem os confessores, nem os confessados se dão por satisfeitos, quando o numero das veses excede ao dos apontados, salvo quando os peccados se explicão hum por hum em cada materia em particular, ou com cada um dos complices, maximã na do sexto, ou nono Mandamento, em que ordinariamente o numero das veses excede ao que esta gente tem pera se explicar"*.

Para cada Mandamento, uma série de perguntas, cuja quantidade certamente revela o número de infrações possíveis, cabendo a primeira colocação aos quinto, sexto e ao nono Mandamentos. Assim:

Primeiro Mandamento (Amar a Deus sobre todas as coisas): 10 perguntas.

Segundo (Não tomar seu santo Nome em vão): 7.

Terceiro (Guardar domingos e festas de guarda): 4.

Quarto (Honrar pai e mãe): 13.

Quinto (Não matar): 31.

Sexto (Não pecar contra a castidade): pecados gerais: 38; homens travessos: 9; índias devassas: 17; homens casados: 9; mulheres casadas: 8. (Observem que o homem é *travesso* e a mulher é *devassa*!)

Sétimo (Não furtar): 21.

Oitavo (Não levantar falso testemunho): 14.

Nono (Não cobiçar a mulher do próximo): 2 (e remete ao Sexto);

Décimo (Não cobiçar as coisas alheias): 5.

Os cinco Mandamentos da Igreja: 29.

O confessor admoesta o penitente no início da Confissão, após cada Mandamento e no final, para saber se não houve engano ou esquecimento após um exame que inclui 217 pecados, um bocado para os festeiros carijós!

VII - RITO DE ENCOMENDAÇÃO DE UM MORTO

Estando o enfermo perto da morte, o sacerdote é chamado e ficará junto dele nesse momento tão decisivo, quando o consolará e confortará, ao mesmo tempo recitando as Ladainhas.

Sentindo a morte vizinha, iniciará este ritual:

1. Ladainha de todos os Santos.

2. Em seguida, entrando o doente em agonia, o sacerdote inicia uma série de orações, bastante longas. Se não morrer durante elas, mais alguns Salmos.

3. No momento em que morrer, uma oração para que Deus o receba e outra de encomendação.

4. Para o sepultamento, o ritual tem início na casa do morto, seguindo-se a procissão para a igreja, oração com o corpo colocado no transeto, seguindo-se a procissão para o túmulo e oração enquanto é enterrado.

VIII - ABSOLVIÇÃO DA EXCOMUNHÃO DECLARATÓRIA.

Quando um índio já batizado retornava a práticas pagãs, bruxarias, ou desobedecia de modo grave a algum mandamento da Igreja, recebia a declaração da excomunhão. Ao acusar o delito, recebia uma penitência. Finda esta, retornava à igreja para a absolvição e reintegração na comunidade cristã.

1 - Diante do padre, o excomungado promete, dali em diante, obedecer aos mandamentos da Igreja de Roma. Declara que cumpriu a penitência e satisfaz o dano ou ofensa que causou ao próximo.

2 - Ajoelha-se. O padre reza um dos sete Salmos penitenciais, concluído com o Glória ao Pai...

3 - O padre bate nas costas do penitente com correntes ou vara. As chicotadas dependiam do tamanho do delito ou da ira do sacerdote.

4 - Reza-se uma Ladainha imprecatória, seguida de oração.

5 - O excomungado recebe a absolvição que declara suspensão a excomunhão.

IX - CATÁLOGO DOS DIAS SANTOS DE GUARDA

Além dos 52/53 domingos, o calendário religioso dos missionários previa mais 39 dias santos de guarda, o que deveria ser ótimo para os carijós, acostumados à liberdade e ao clima de festa contínuo. Certamente, além desses não faltaria ocasião para feriado e festa, como os dias próprios de missão.

Festas com datas móveis: Sexta-feira santa, Páscoa da Ressurreição, Oitava de Páscoa (Alegrias de Maria), Ascensão, Pentecostes, Santíssima Trindade, Corpus Christi.

Festas com data fixa:

Janeiro: 1 - Circuncisão;

6 - Epifania;

20 - São Sebastião.

<i>Fevereiro:</i>	2 - Purificação de Maria; 24 - São Matias apóstolo.
<i>Março:</i>	25 - Anunciação.
<i>Maior:</i>	1 - Santos Filipe e Tiago; 3 - Invenção (Encontro) da Santa Cruz.
<i>Junho:</i>	13 - Santo Antônio; 20 - Natividade de João Batista; 29 - São Pedro e São Paulo.
<i>Julho:</i>	2 - Visitação de Maria; 25 - São Tiago Maior.
<i>Agosto:</i>	5 - Nossa Senhora das Neves; 10 - São Lourenço; 15 - Assunção de Maria; 24 - São Bartolomeu.
<i>Setembro:</i>	8 - Natividade de Maria; 21 - São Mateus Apóstolo; 29 - São Miguel Arcanjo.
<i>Outubro:</i>	28 - Santos Simão e Judas Apóstolos.
<i>Novembro:</i>	1 - Todos os Santos; 2 - Finados; 21 - Apresentação de Maria; 30 - Santo André Apóstolo.
<i>Dezembro:</i>	8 - Imaculada Conceição; 18 - Expectativa do Parto de Maria; 21 - São Tomé Apóstolo; 25 - Natal; 26 - Santo Estêvão; 27 - São João Apóstolo; 28 - Santos Inocentes.

X - RELAÇÕES DE PARENTESCO ENTRE OS INDÍGENAS.

Diante do indígena, o primeiro julgamento do europeu foi considerá-lo imoral ou sem moral. Espantou-se o europeu com a poligamia indígena e dela concluiu pela ausência do respeito no relacionamento homem-mulher e pela não existência da própria família. O índio ofereceu ao conquistador sua filha, como sinal cultural de hospitalidade e de recepção entre os seus. O europeu, não entendendo o gesto de hospitalidade, tomou-a para si, então sim iniciando a ruptura das ligações familiares. A família era tão importante e sagrada para o índio que praticamente todos os membros do clã, ou nação, eram considerados pertencentes à sua família, ultrapassando a noção européia de família que a reduzia à consanguinidade próxima.

Observando a "Tabuada" das relações de parentesco transmitida pelo Pe. Antônio de ARAÚJO, preocupado com os pecados contra o sexto e o nono Mandamentos e os impedimentos matrimoniais, podemos fazer as seguintes observações:

1. A língua tupi-guarani tem palavras próprias para cada ligação de parentesco, diferentemente das línguas européias que falam em primo de primeiro, segundo... graus. Palavras diferentes expressam tratamento mais intenso.

2. O respeito aparece também pelo uso da mesma palavra para parentescos diferentes, como *tûba*, que indica ao mesmo tempo pai natural, tio paterno e primos do pai.

3. O conceito de família é abrangente: igualdade entre filhos e sobrinhos dos pais e tios; entre irmãos e primos dos pais e dos tios, entre irmão e cunhado.

4. Ascendência dos mais velhos que, em cada grau, têm designação própria, como *iratî* para cunhada, e *temirecô* para cunhada mais velha.

5. Manutenção dos troncos familiares do homem e da mulher trazendo, para o mesmo grau, nomes diferentes para os parentes do marido ou da esposa.

6. Inclusão, na família, dos parentescos espirituais: o afilhado é chamado pela mesma palavra que indica filho natural (*membîra*) e o enteado pela mesma que indica enteado e sobrinho (*îra*).

7. Nomes próprios para indicar as variantes do grau de pertença à tribo ou às famílias ancestrais.

Tudo isso foi destruído pela Conquista. O europeu, com sua visão mais restrita de família, achou o familismo carijó depravado, esquecendo-se de que seu modo de vida era a negação da própria unidade familiar.

"O europeu, com sua visão mais restrita de família, achou o familismo carijó depravado"

6.10 - FRACASSA A MISSÃO.

Na Laguna, a expedição missionária de 1635 encontrou ancoradas 62 embarcações dos paulistas, que nesse ano retornaram para a compra de carijós. Quinze eram navios de alto bordo e as demais, canoas muito possantes. Com eles, os de São Paulo esperavam levar cativos uns 12.000 carijós, pelas contas do Pe. SIQUEIRA.

Quando os padres arribaram com o Santo Antônio, ali estavam 600 brancos escopeteiros, que sentiram sua presença como um arpão no coração, pois os padres eram o amparo do carijó. Apavorados com a possibilidade de os missionários deixarem-nos retornar sem presas, tramarão ou queimar o navio, ou afundá-lo, ou prender os padres, ou deixá-los ajuntarem-se aos índios para depois os repartirem entre si. Neste momento perigoso os padres se encheram de coragem e fizeram tais ameaças de inferno que os homens se recolheram às suas embarcações, esperando hora melhor.

Andando algumas léguas pela praia, encontraram uma aldeia tomada pelo sarampão. A maioria dos índios estava morta, não restando vivos mais que 100, aos quais catequizaram e ministraram o Batismo. Esta aldeia pertencia ao Terreiro Espantoso, desolado por não ter podido espantar o sarampão, ele que espantara tantos outros males. Os padres ficaram sabendo que seu filho mais velho "*nunca tinha mamado na mãe nem em outra mulher e nascera com todos os dentes*"... Perguntaram à sua mãe como tinha criado o menino, se não lhe dera leite, e ela respondeu: "*com mel, com papinhas, e outras potagens...*"

O Terreiro Espantoso não perdeu a oportunidade de mostrar seu poder. Vendo alguns índios pescarem numa lagoa, pediu que repartissem o peixe com ele. Como não aceitaram, disse: "*Ora passem embora, que eu lhes tirarei as águas onde eles pescam o peixe.*"

E, daí a pouco, as águas se recolheram com tanto ímpeto, que levaram consigo muitas casas, matando moradores. Depois dessa, os padres resolveram deixar o Terreiro Espantoso por lá mesmo, pois seria muito perigoso levar no navio "um tão grande amigo de Lúcifer"!

Continuando, o cronista afirma que toda a Província dos carijós estava dividida entre dois donos: o Anjo, e um parente seu, o Grande Papagaio (Marunaguaçu). O Anjo, com toda a sua mística de poderoso e bafo santo, tinha dominado a região norte e se tornara grande amigo dos paulistas, o que significava a sua transformação em agenciador do comércio escravo. Negociando por um espaço de 20 anos, vendera como escravos a 120 mil índios!

Para poderem ter prisioneiros para o comércio, inicialmente os carijós fizeram guerra a outras tribos. Depois passaram a vender seus irmãos mais do interior. Os paulistas muito ganharam com essa colaboração.

"Quando os índios começaram a perceber os enganos de que eram vítimas, o litoral já estava bastante despovoado"

Quando os índios começaram a perceber os enganos de que eram vítimas, o litoral já estava bastante despovoado. Então os paulistas entraram sertão adentro, já não mais comerciando e sim capturando pela força da espada. Invadindo as aldeias, tomaram as mulheres mais bonitas, os jovens e crianças mais sadias, separando pais de filhos,

maridos de mulheres.

O Pe. SIQUEIRA narra que, em sua estada na Laguna, em alguma praia vira um traficante descendo com muitos índios, porém 200 deles tinham morrido de fome e frio. Com tanta perda, retornou ao sertão para buscar outros. Deduz o padre que para os portugueses eram necessários dois, para terem depois um escravo.

Acontecia que as crianças não podiam acompanhar o passo dos adultos e então, para os pais não se deterem e se preocuparem com elas, o traficante lhes partia a cabeça... E, na ganância de embarcarem muitos, os paulistas "de tal maneira os apertam e cozem uns aos outros, que jamais se podem deitar nem dormir, salvo meio assentados."

Por este motivo, alguns navios que partem com 300 ou 400 deles, chegam à Capitania quase vazios, com não mais que 30 vivos. E dentro de um ano morrem outros ainda, não suportando o miserável cativo.

Enfim, ironia da história, também o Papagaio, após tantos anos de serviços prestados vendendo seus irmãos, não tendo mais que 150 em sua aldeia, dos 1200 que eram, veio refugiar-se junto aos padres. Estava amedrontado. Queriam os traficantes fazer também dele um cativo! Fugindo, no caminho foi salteado pelos paulistas que lhe roubaram mais gente ainda, mas conseguiu chegar aos braços dos missionários. Estes, recolhendo índios onde encontraram, chegaram ao porto da Laguna. Como

não tivessem mantimentos, pescaram e torraram peixes para fazer farinha e biscoitos e juntaram muitos palmitos. Com medo de algum assalto, partiram logo.

Durante a viagem, doutrinaram os índios pela manhã e pela tarde, com muito proveito. E assim, sem perderem um só, chegaram à aldeia de São Francisco Xavier, de onde tinham partido. Ali muitos foram batizados, inclusive o Papagaio, que tomou o nome de seu padrinho Rodrigo de Miranda HENRIQUES, Governador do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO: UM POVO EXTERMINADO

Tendo notícias do péssimo estado da região dos carijós, das agora boas intenções do Anjo, e antes que os paulistas acabassem por exterminar a todos, foram enviados em 1637 os Pes. Francisco de MORAIS e Francisco BANHA. Após duras peripécias, trazendo consigo 200 índios já cristãos, foram assaltados pelos escravagistas que distribuíram os índios entre si e quebraram a canoa na qual iam atravessar um rio, ficando assim entregues às intempéries, ao frio e, o que era mais perigoso, correndo perigo de serem assaltados por outros índios que tinham sido convencidos pelos paulistas de que eles, os padres, eram traficantes!

Os capitães de Santos, São Paulo, São Vicente, Itanhaém, Cananéia, tinham entrado em acordo para acabar de uma vez por todas com o trabalho missionário junto aos carijós.

Em 1640, o Provincial jesuíta planejava, mais uma vez, enviar padres aos carijós. Recebeu um recado claro do capitão de Santos: estava preparando gente e embarcações para impedir a obra; avisava, para que depois não se arrependessem de alguma desgraça!

Tinha iniciado a mais feroz era da violência. Portugueses, paulistas e espanhóis entraram em guerra. Guerra que se entendeu ao índio que, em 1641, foi atacado por 400 portugueses e 300 índios armados, verificando-se verdadeira hecatombe.

Em São Francisco, restaram apenas 7 ou 8 moradores. A 100 léguas, pelo interior, havia um posto de paulistas, guarnecido de índios e brancos. Mais no sul, as aldeias missioneiras tinham sido atacadas pelos paulistas. Podiam-se ver suas ruínas cercadas de ossos e caveiras dos selvagens sacrificados¹⁸.

Em 1653, a costa dos Patos estava vazia, ela que tinha sido a morada dos alegres e acolhedores carijós. Teria início, agora, o repovoamento por obra de bandeirantes paulistas e vicentistas: em 1642 Manoel Lourenço de ANDRADE fundou São Francisco do Sul; em 1673 Francisco DIAS VELHO fundou Nossa Senhora do Deserto; em 1676 Domingos de BRITO PEIXOTO fundou Santo Antônio dos Anjos da Laguna. Mais tarde, em 1771, CORRÊA PINTO deu início à ocupação dos campos de Lages.

Junto com seus familiares, empregados, os bandeirantes trouxeram muitos índios domesticados. E nos próprios bandeirantes já corria sangue carijó. Ironia da história: inicia-se o repovoamento do litoral catarinense depois de ter sido despovoado pela violência e pela morte.

"Sobre os escombros de um povo, uma cultura, uma missão cristã aniquilada por cristãos"

Sobre os escombros de um povo, uma cultura, uma missão cristã aniquilada por cristãos que vinham acompanhados por uma imagem de Nossa Senhora, os bandeirantes encontraram o que buscavam: uma terra desocupada para seus projetos agrícolas.

Sentiram muito a falta de braços para o trabalho. Antes, levaram-nos escravizados para São Paulo, Santos, São Vicente, Rio de Janeiro. Agora trazem os descendentes deles, amansados. Muitos deles serão mortos pelos carijós que aqui restaram, ignorando que eram seus irmãos.

Destruído pelo branco cristão sem fé cristã, porque não viu no outro o irmão, o carijó deixou para a gente catarinense algumas lembranças a testemunhar que foi ele o primeiro catarinense, e o primeiro a ouvir e acolher a fé cristã.

Tranqüilo e feliz nas suas terras, não negou hospitalidade generosa ao visitante branco. Em troca, recebeu a escravização e a morte.

Tem início uma nova etapa, colonizadora. Novamente será trazida a Cruz, que a primeira aqui chegada transformou-se num Cruzeiro a indicar o grande cemitério a que ficou reduzida a nação carijó.

NOTAS

(*) Excluindo-se as outras fontes bibliográficas, o texto foi elaborado a partir das Relações (Crônicas) e Cartas dos missionários que aqui estiveram, transcritas em sua maior parte na obra de Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*: Tomo I, Livro III, p. 315-331 e Tomo VI, Livro V, p. 461-523. O Pe. Serafim Leite, com sua obra monumental, pesquisou quase todas as fontes que interessam ao trabalho jesuítico no sul do Brasil, máxime entre os carijós. Relações e cartas principais: a) Carta do Pe. Francisco de MORAIS; b) Relação do Pe. Jerônimo RODRIGUES; c) Relação do Pe. Inácio de SIQUEIRA; d) Relação do Pe. João de ALMEIDA; e) Cartas do Pe. Antônio VIEIRA; f) Relação do Pe. Francisco CARNEIRO.

¹ BEOZZO, José Oscar: *Brasil, 500 anos de migrações*. Edições Paulinas, São Paulo, 1992, p. 10-11. Neste livro, com linguagem acessível, Pe. Beozzo oferece um ótimo estudo sobre as migrações (indígena, negra e européia) no Brasil.

² FOSSARI, Teresa Domitila: *Cultura pré-histórica da Ilha de Santa Catarina*, in *História Sócio-Cultural de Florianópolis*,

Clube Doze de Agosto-Editora Lunardelli-IHGSC, Florianópolis, 1991, p. 9-25. SANTOS, Sílvio Coelho dos: *Índios e Brancos no sul do Brasil*, Edeme, Florianópolis, 1973, p. 29-30.

³ PIAZZA, Walter F.: *Santa Catarina: sua História*. Co-edição UFSC e Editora Lunardelli, 1983, p.81 e 86. JAMUNDÁ, Theobaldo da Costa: *Os Carijós lá nas raízes*. Edição do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis, 1987, p. 26-28.

⁴ BEOZZO, José Oscar, op. cit. p. 25-29.

⁵ CABRAL, Oswaldo R.: *História de Santa Catarina*. Editora Laudes, 1970, p.21-22.

⁶ ARNS, Alice B.: *Laguna, uma esquecida epopéia de Franciscanos e Bandeirantes*. Curitiba, 1975, p. 20ss.

⁷ BESEN, José Artulino: *A Igreja do Espírito segundo Joaquim de FIORE*, in ENCONTROS TEOLÓGICOS, ITESC, Florianópolis, n. 18 (1995/1), p. 21-25.

⁸ TORMO, Leandro: *El canario Fray Alonso Lebron y el Mito de Payzumé*. Anuário de Estudios atlânticos, nº 24, Madrid-Las Palmas, 1978, p. 1-30. Foi a partir deste estudo de Leandro TORMO que elaboramos o texto sobre a identificação entre os Frades e o Mito do Pai Sumé.

⁹ SANTOS, Sílvio Coelho dos, op. cit. p. 43.

¹⁰ TESCHAUER, Carlos SJ: *História do Rio Grande do Sul dos primeiros séculos*. Porto Alegre, 1918, p. 159-165.

¹¹ LEITE, Serafim SJ: *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo I, Livro III, p. 327-328.

¹² HOORNAERT, Eduardo: *Historia da Igreja no Brasil*. CEHILA-Ed. Vozes Ltda., 1977, p.46-52.

¹³ PIAZZA, Walter F.: *A Igreja em Santa Catarina*. Notas para sua História. IOESC, 1977, p.27.

¹⁴ ANCHIETA, José de: *Cartas Jesuíticas*. Civilização Brasileira, 1933, Tomo III, p. 81-82.

¹⁵ idem, p. 82-83.

¹⁶ idem, p. 83

¹⁷ JAMUNDÁ, Theobaldo Costa - *Os Carijós lá nas raízes*. Edição do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis, 1987, p. 19. A obra do Prof. Jamundá é um valioso repositório de informações bibliográficas que, em boa hora, procura lembrar a origem carijó da gente catarinense.

¹⁸ CABRAL, O.R., op. cit. p.38. - Ver também MARCHIORI, T., *Terra dos Carijós*, Ed. do Autor, Florianópolis, 1986, romance-poema sobre a colonização e destruição dos nossos indígenas

Endereço do Autor:

Catedral Metropolitana - CasaParoquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS,SC

25 ANOS DO ITESC

O próximo ano, 1997, será o 25º ano acadêmico do ITESC, que completará seus 25 anos de existência oficial a 10-1-98. A efeméride jubilar merecerá, certamente, uma comemoração apropriada, a ser feita no 1o. semestre de 1998, em data ainda a confirmar. A comemoração, a exemplo do que foi feito em 10-5-93, por ocasião dos 20 anos, deverá incluir sem dúvida um "Encontro" dos ex-alunos e ex-professores, congraçando-se com os professores e alunos atuais. Mais detalhes da comemoração, para a qual aceitam-se sugestões, serão divulgados oportunamente.